



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE

**PROJETO IDEIA MINHA: UMA POSSIBILIDADE HISTÓRICA DE MELHORAR A
CONDIÇÃO HUMANA NO ESPAÇO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR**

Brasília
1º Semestre / 2012



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE

**PROJETO IDEIA MINHA: UMA POSSIBILIDADE HISTÓRICA DE MELHORAR A
CONDIÇÃO HUMANA NO ESPAÇO ESCOLAR E NÃO ESCOLAR**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília
como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sônia Marise de Salles
Carvalho.**

Brasília
1º Semestre / 2012

Antonia Beatriz Aquino Gomes

Projeto Ideia Minha: Uma Possibilidade Histórica de Melhorar a Condição Humana no Espaço Escolar e Não Escolar

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da Professora Dra Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão examinadora:

Professora Dra. Sônia Marise Salles de Carvalho. (orientadora).
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB.

Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB.

Professora Msc. Claudia Valéria de Assis Dansa
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB.

À minha mãe: Luzia de Aquino.

E a pessoas que para sempre estarão em meu coração.

DEDICATÓRIA

Não imaginava jamais que conseguiria trilhar por caminhos tão espetaculares, algumas pessoas me diziam que eu iria longe, mas imaginava que era apenas força de expressão. Fico imensamente feliz porque sei que apesar de ter trilhado apenas um pouco do caminho, acredito eu que estou seguindo um bom caminho, nunca sozinha, mas ao lado de pessoas que valem muito a pena ter por perto.

Sei que nada acontece por acaso e que a estrada é longa, minha caminhada apenas está no início. Mas, eu sei que o importante está sendo feito, que é o agora. Aprendi que posso ser mais feliz com o que tenho do que com o que se eu tivesse. Aprendi que “tudo vale à pena quando a alma não é pequena” (Fernando Pessoa).

Sou infinitamente grata a Deus por tudo e a minha mãe, que tanto se esforçou juntamente comigo. As outras pessoas que me ajudaram e me ajudam, pois são os presentes que Deus me dá todos os dias.

Dedico este trabalho a cada pessoa que passou pela minha vida e que deixou uma parte de si, importante para a minha formação como ser humano, não somente aqueles que de alguma forma me ajudaram, mas também aos que passaram por mim e me ignoraram, pois me ajudaram a ter a decisão e a atitude de percorrer com mais força ainda os caminhos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me conceder a força necessária para prosseguir com meus planos e objetivos e por ser ele quem primeiro plantou em meu coração meus desejos e sonhos de futuro.

À minha mãe que desde cedo me ensinou que a vida não é fácil e que para alcançar meus sonhos necessito mais do que vontade, preciso de força e determinação. Por ela ter se esforçado ao máximo pra que eu tivesse o mínimo de uma educação de qualidade e, sobretudo, por ela sempre ter acreditado no meu potencial.

Ao meu irmão, às minhas primas e a toda a minha família, pelo incentivo que de alguma forma me ajudou em momentos oportunos da minha vida, fossem por estímulos bons ou ruins, de alguma forma me ajudaram a querer continuar, mesmo tendo que passar por muitos obstáculos nessa trajetória árdua que é a Vida.

A minha avó, tão linda e querida, a minha madrinha, tios e tias, primas e primos.

Aos professores que me auxiliaram em vários momentos da minha vida, não somente em sala de aula, mas que me fizeram entender o verdadeiro significado de ser Educador, por serem exemplos copiáveis.

Ao meu amigo Hugo Nicolau que desde o início percorreu comigo alguns momentos mais importantes da minha vida e que contagiava sempre com a vontade de ser mais que um mero professor, mas sim, um verdadeiro educador. Principalmente por ele acreditar tanto em mim.

À minha grande amiga Josi de Sousa Oliveira, mestranda em Letras / Português na Universidade Federal do Piauí (UFPI), que desde o início da nossa longa amizade foi uma mola propulsora que me estimulava a sempre querer aprender mais e buscar mais de todas as formas de conhecimento possíveis. Agradeço a ela por ser um bom exemplo na minha vida, não só de amiga, mas como de pessoa.

Ao meu amigo Paulo César, formado em matemática pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), que mesmo me mandando aquelas fórmulas loucas que ele inventava só pra

demonstrar o tamanho da nossa amizade, de certa forma me contagia com a sua tão grande inteligência.

À Anne de Sousa, por ser muito especial em minha vida, por sempre estar ao meu lado e me motivar a traçar metas para um futuro bom.

Aos meus colegas de trabalho, que alimentam muito o meu ego, por acreditarem em mim e me concederem oportunidades que talvez em outro emprego não possuísse. Um agradecimento muito forte.

As pessoas que tive o prazer de conhecer em minhas viagens a Cuba e ao México – Maria, Jorge e Felipe - entre outras pessoas que nos ajudaram e nos trataram com o maior carinho possível.

Aos diretores, coordenadores e professores das escolas na qual estagiei e pude realizar atividades que me fizeram adquirir interesse pela área de afetividade e as necessidades que ela deixa a desejar em nossa sociedade atual.

Aos meus amigos do curso de pedagogia que me cativaram profundamente e que fizeram diferenças substanciais em minha vida: Mayara, Danielly e Daniela. E a todos os outros que fizeram desse espaço de tempo, momentos marcantes que de certa forma trouxeram grandes significados para a minha vida: Paulo, Lorena, Marden, Alex, enfim todos aqueles que não pude citar aqui, mas que sabem que não os esquecerei.

À minha querida e especial amiga, Dona Marelucci de Almeida, que me levantou o astral tantas vezes em que minha autoestima estava não muito boa, pela confiança que ela me deu e pelos estímulos que me ajudaram a escolher fazer o curso de pedagogia.

Enfim, a todas as pessoas que de alguma maneira estão próximas (mesmo distantes em espaço geográfico) de mim. Os momentos vividos e os próximos serão todos inesquecíveis.

“A resposta sempre será sim, a não ser que seja não.”

Moto Moto, Madagascar.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS.....	5
APRESENTAÇÃO	9
RESUMO	10
PRIMEIRA PARTE	12
MEMORIAL – MINHA TRAJETÓRIA EDUCATIVA	13
SEGUNDA PARTE	29
INTRODUÇÃO	30
Capítulo 1 - LEITURA SOBRE A VIDA MODERNA.....	31
CAPÍTULO 2 - PROJETO IDEIA MINHA: UMA POSSIBILIDADE DE MELHORAR A CONDIÇÃO HUMANA	43
2.1. Projeto Ideia Minha.....	43
2.2- Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto: O início de uma produtiva jornada.....	50
2.3- ONG Associação Atlética de Santa Maria – AASM: Uma proposta desafiadora	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
TERCEIRA PARTE.....	62
PERSPECTIVAS PARA O FUTURO.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

APRESENTAÇÃO

As reflexões desse trabalho tratam da revitalização do espaço físico educativo escolar e não escolar e sua influência no campo das condições humanas e está dividido em três partes.

A primeira é o memorial educativo, onde relato as etapas de minha trajetória escolar do primeiro ano da escola até chegar ao trabalho de final de curso.

A segunda parte está dividida em dois capítulos.

O capítulo I abordará o que chamarei de leitura da vida moderna, onde vemos diálogos entre alguns teóricos refletindo sobre como a organização da vida da sociedade atual vem se transformando. Nele se faz uma contextualização sobre a nova educação para o século XXI.

O capítulo II mostra o relato de experiências com a revitalização de espaços educativos escolares e não escolares desenvolvidos durante a realização de estágios realizados no curso de pedagogia da Universidade de Brasília no âmbito do Projeto Ideia Minha.

A terceira parte é uma perspectiva profissional para o futuro.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal fazer um resgate da relação do homem com seus semelhantes e com o meio ambiente, seja com a natureza ou com espaços construídos e modificados pela própria ação humana.

Aborda exclusivamente sobre a condição humana e a afetividade que envolve as relações entre os pares a partir das ações de solidariedade. Discutiremos as condições ambientais e sociais na qual estamos inseridos e as constantes modificações da atualidade propostas pelo sistema capitalista.

O tema foi proposto especialmente pela necessidade de afeto presentes em nosso meio e as consequências das atitudes desrespeitosas para com o nosso próximo e com o nosso planeta, que é o espaço comum a todos.

No decorrer das abordagens teóricas faremos comparações aos nossos comportamentos humanos e traçaremos possíveis soluções do resgate da essência da condição humana, por meio também dos trabalhos realizados pelo Projeto Ideia Minha e os resultados obtidos a partir das interferências no meio social e ambiental.

Palavras-chave: Afetividade, Revitalização, Meio ambiente.

PRIMEIRA PARTE

MEMORIAL – MINHA TRAJETÓRIA EDUCATIVA

Meu nome é Antonia Beatriz, a maioria das pessoas que me conhecem me chama de Bia. Tenho 24 anos e moro há apenas cinco anos e alguns meses aqui no Distrito Federal.

Estou na UnB desde o segundo semestre de 2007. E sei que muita coisa mudou em minha vida no decorrer desse tempo. Tive muitas experiências novas, muitos de meus conceitos sobre a vida mudaram e outros se formaram. Conheci várias pessoas que passaram em minha vida e muitas outras que permanecerão comigo por muito tempo ainda. Aprendi que estava enganada sobre muitas coisas e a aceitar que erro de vez em quando e que a vida não é perfeita, isso me faz crescer como ser humano e aceitar que os outros também são humanos.

Comecei a ir a escola aos 3 anos e meio de idade, desde cedo eu era muito curiosa e queria aprender sobre tudo. Fazia as perguntas mais insuportáveis do mundo à minha mãe. Mesmo eu sendo tão pequena, já sabia todas as cores, formas geométricas, números e letras do alfabeto. Eu era uma boa aluna. Porém, muito travessa.

Sei que comecei a estudar bem pequena, mas começo a me lembrar de fatos sobre a escola a partir da 1ª série, hoje 2º ano. Eu já tinha 07 anos de idade. Tive um ótimo aprendizado com a minha mãe, em casa mesmo. Quando fui à escola eu já sabia o que lá deveriam me ensinar. Cheguei a 1ª série e ainda não sabia ler, o que era meio contraditório para mim. Isso me deixava muito triste, porque eu era uma boa aluna, mas não sabia organizar as sílabas.

A primeira professora da qual me lembro, foi a Tia Gracinha, ela era a minha professora da 1ª série. Era uma senhora que começava a ficar com os cabelos quase todos brancos, era magrinha e baixinha (nem tanto), usava óculos e transparecia uma tranquilidade quase que contagiante. Eu adorava aquela professora.

Foi por vê-la com aquele semblante tão meigo e calmo, que eu decidi que seria professora quando “crescesse”. Ela me ensinou a ler. E foi fácil. Lia tudo. Todas as placas que encontrava na rua, todas as embalagens que havia lá em casa, todas as coisas que via e que tinham letras. Ela me apresentou o incrível mundo da leitura. Foi na sala da Tia Gracinha que eu aprendi a me comportar melhor e a respeitar meus coleguinhas. Todo o carinho dela transformou a minha vida, mesmo que o termo transformar seja muito exagerado, acredito sim

que ela mudou a minha vida, já que aprendi muitos bons valores que ainda hoje carrego como aliados.

Durante a minha vida, passei por várias escolas, algumas vezes até duas escolas por ano (e os meus pais nem são militares) simplesmente pelo fato de termos mudado de casa e como minha mãe era muito preocupada com as escolas que frequentávamos (tenho um irmão mais novo quatro anos), ela teve que me mudar de escola no primeiro semestre da 2ª série, pois eu estava me comportando muito mal e andando com coleguinhas que não ajudavam muito. Não me lembro de nenhuma professora dessa escola do primeiro semestre. Já no meu segundo semestre eu estava mais comportada e mais atenta às aulas. Esforçava-me pra ser a melhor aluna da classe. E eu era.

Na 3ª série eu já tinha mudado de casa de novo, dessa vez pra minha casa própria. Fui estudar em uma escola perto da minha casa, mas lá era péssimo. Como meus pais saíam para o trabalho cedinho da manhã, eles nem sabiam que eu andava deixando de assistir as aulas. Ficava em casa vendo TV o dia inteiro. Foi quando a minha mãe começou a perceber o que estava acontecendo e além de me dar uma surra, me mudou de escola de novo, meu irmão e eu fomos estudar em uma escola particular na qual a minha mãe trabalhava. Além de ela ficar de olho na gente, lá era outro mundo. Era a escola “perfeita”.

Meu segundo semestre na 3ª série se deu numa escola chamada: Colégio Liberdade. E até hoje me lembro do slogan da escola, era o seguinte: Colégio Liberdade: Educando para libertar. Estavam certos. Somente com a educação é que se liberta uma vida.

O Colégio Liberdade foi a melhor escola da minha vida, lá era uma escola bem colorida, era uma escola simples, apesar de ser particular. A dona da escola era também a diretora e prezava muito pelo fortalecimento da cidadania e o caráter dos alunos, então incentivava bastante o uso de pinturas feitas nas paredes das salas de aula, desenhos de paisagens feitas com tinta guache, a fabricação de brinquedos e painéis com materiais recicláveis, entre outras coisas. Trabalhava-se bastante o fazer junto. A escola era um sonho encantado para mim. Era um lugar onde todos se conheciam, desde o mais bebezinho, até o mais velho. Acho que o fato de ser uma escola onde presenciei tão boas experiências me fez entender que a afetividade é de fundamental importância na minha formação como ser humano, não somente como um lugar onde se aprende, mas também um lugar onde se vive e se convive. O outro foi muito importante na minha vida.

Apreendi que trabalhando em grupo, descobrimos mais do Outro, pude ver que algumas coisas que aprendemos não são simplesmente instintivas, mas sim aprendidas dos ambientes em que vivemos: familiar, religioso, enfim, do meio social no qual estamos inseridos.

Estudei no Colégio Liberdade a 4ª série também, mas logo que o ano letivo acabou tive que ir pra outra escola para fazer a 5ª série, dessa vez era uma escola pública que ficava muito longe da minha casa mesmo, mas por ser da rede municipal, minha mãe acreditava que era melhor do que as escolas estaduais. Depois dessa época me sentia mais esforçada na escola e com a autoestima melhor. Tinha poucos amigos, mas amigos que me estimulavam a estudar, porque também acreditavam que só a partir da educação é que se pode ter um futuro melhor.

Quando enfim eu cheguei ao ensino médio estava mais otimista com relação aos estudos, porque a 8ª série foi maravilhosa, eu não havia ficado em recuperação em matéria alguma, nem mesmo em matemática, eu tinha problemas com essa matéria.

Primeiro ano do ensino médio foi nada significativo, não lembro se aprendi muita coisa, mas de uma disciplina jamais esquecerei. Por incrível que pareça eu só me lembro da disciplina de matemática e do professor de geografia que era muito engraçado, mas da disciplina propriamente dita, não lembro.

Meu professor de matemática era ainda estudante universitário e muito jovem também, um rapazinho bonitinho e muito inteligente. Ele dominava a disciplina tão bem que para mim parecia que matemática sempre foi fácil, foi uma fase muito boa, sempre tirava notas ótimas nas provas de matemática. E cheguei até a pensar que queria ser professora de matemática um dia, mas queria ser uma ótima professora, pois entendi que o problema em não saber matemática não estava relacionado à minha dificuldade de aprendizado, mas sim à metodologia que os outros professores utilizavam. Nessa fase da minha vida, não tive coisas muito boas pra contar, além de aprender matemática.

No segundo ano do ensino médio, desse não recordeo o primeiro semestre, lembro-me que a escola estava aderindo à greve estadual das quais outras escolas já faziam parte, continuei na escola até o fim do primeiro semestre. Como realmente teve greve, minha mãe resolveu que eu iria voltar para a escola particular que eu havia estudado na 3ª série, 4ª série (Colégio Liberdade) e 7ª série (antigo Colégio Liberdade, hoje Colégio Dominus).

Ano de 2005 e por obra de um acaso fui morar e estudar em Teresina, eu pensava que seria melhor, porque era o ano do vestibular e por falar em vestibular eu sequer sabia que curso queria fazer. Estava pensando em ser médica, por que não? Queria ser marinheira, mas estava complicado.

Então, eu comecei a conviver com outras pessoas, a freqüentar outros lugares. Morava na casa de uma colega de minha mãe, que acabou sendo uma pessoa muito legal pra mim, me incentivava a querer mesmo buscar pelos meus sonhos, mas eu acho que ela no fundo não acreditava muito em mim. Nessa época eu costumava ir a uma igreja evangélica perto de onde estava morando, os membros da igreja eram bem legais e eu me sentia bem querida. Então surgiu o convite de dar aulas bíblicas para as crianças no domingo. No início a ideia me assustou, mas com o tempo percebi que trabalhar com crianças era legal, elas eram divertidas, porém, eram bagunceiras, e não dava para controlá-las.

Faltavam poucos meses para o vestibular e eu estava exausta, então decidi que queria voltar pra minha cidade, nada melhor que meu lar pra poder readquirir as forças e o ânimo. Estava tentando trocar de escola quando me deram a possibilidade de continuar estudando na mesma escola em Teresina. Teria que ir de ônibus de minha cidade até lá todos os dias. Era melhor que trocar de escola de novo. Talvez até fosse menos cansativo. Apesar de ter que sair de casa mais cedo e chegar mais tarde, com certeza ficaria menos cansada porque estaria na minha casa. Minha mãe me levava todos os dias até a parada de ônibus pra poder ir à escola. Além de trabalhar ela tinha que conseguir um tempo pra me levar todos os dias ao ponto do ônibus. Pra ela era mais corrido do que antes, mas ela acreditava em mim e eu não deveria decepcioná-la.

As inscrições do vestibular enfim chegaram e eu não tinha a menor ideia de qual curso escolher. Pois eu queria passar no vestibular na primeira tentativa, eu não estava preparada em nada. Tinha tirado boas notas nas provas, mas só pra passar de ano, não porque estava pronta para o vestibular. Eu estava muito frustrada, não queria decepcionar minha família, nem a mim. Resolvi que não faria vestibular aquele ano.

Minha mãe apoiou minha decisão porque também acreditava que seria melhor eu fazer a prova do vestibular com confiança. Naquele ano ainda fiz uma prova pra um concurso público na área de saúde, era um concurso simples para agente de saúde em Teresina, porém estava muito concorrido e as vagas eram somente seis. Eu só tive um mês para estudar para a

prova, além de ter que ir todos os dias frequentar as aulas normais na escola, eu acordava às 6:00 da manhã e só ia dormir à meia-noite, ficava exausta, mas consegui passar no concurso, que não assumi porque apesar de ter sido classificava só tinham seis vagas imediatas e duas para reserva. Eu passei em 11º lugar. Fiquei muito feliz porque concorri com 30 mil pessoas. E eu não poderia assumir porque ainda tinha só 17 anos. Fiquei orgulhosa de mim.

Não fiz o vestibular e logo no comecinho do ano de 2006, no dia 09 de fevereiro eu completei 18 anos de idade. Percebi que só porque já tinha 18 anos não era adulta, nem independente, muito menos rica. Parecia que eu tinha passado a vida toda lutando por algo que ainda iria demorar. Eu estava muito frustrada porque não queria passar a minha vida morando naquela cidade, não pretendia trabalhar lá, nem casar, não gostava de nada de lá. Estava passando uma fase ruim. Minha mãe então resolveu me colocar em um cursinho pré-vestibular, porque sabia que meu ensino médio não tinha sido bom.

O cursinho pré-vestibular de Altos, a minha cidade natal, durava o ano inteiro, os alunos prestavam vestibular no final do ano, porém alguns faziam por opção em faculdades ou universidades com processo seletivo no meio do ano. Eu estava decidida a me preparar o ano inteiro, já havia decidido que iria fazer o curso de psicologia, apesar de minha mãe querer muito que eu prestasse vestibular para pedagogia. Estudei o primeiro semestre e nesse período minha mãe decidiu que iríamos mudar de cidade, eu não acreditava nisso. Já havíamos pensado na ideia várias vezes, mas nunca tinha dado certo. Quando percebi que a decisão era séria, minha mãe perguntou se eu aceitava mesmo, porque nós iríamos morar em um lugar desconhecido por nós e sem parentes por perto. Eu pensei um pouco e em poucos segundos respondi que o que mais queria era ir embora de minha terra.

Minha mãe viajou antes de mim e de meu irmão. Tive que tomar todas as responsabilidades de casa. Foi meio complicado, porque eu nunca tinha feito nada parecido. Minha avó materna, não quis ficar conosco lá em casa, mas sempre dava uma passadinha lá pra saber se estava tudo bem. Ela sentia muita falta de minha mãe também. Tive que me tornar adulta antes do tempo e percebi que não era tão divertido assim. A responsabilidade pesava. Dois meses se passaram e meu irmão e eu também mudamos para Brasília. Lembro-me como se fosse ontem do dia em que meu irmão e eu viajamos, era dia 08 de agosto de 2006.

Chegamos à Brasília dia 10 de agosto de 2006, em uma madrugada. Mamãe esperava ansiosa por nós, estávamos com tantas saudades e era bom tê-la de novo. Mamãe morava na Asa Norte. Apaixonei-me por Brasília desde o momento em que soube que eu iria vir morar aqui. Tudo era tão limpo e bonito.

Logo depois que cheguei, minha mãe descobriu que estava sendo oferecido aquele semestre um cursinho solidário, a algumas quadras do apartamento onde morávamos. Os professores eram alunos da UnB e como eu havia abandonado o cursinho no Piauí, era uma boa oportunidade de continuar a estudar sem gastar nada, já que os cursinhos aqui são muito caros.

Entrei no cursinho quando as aulas já haviam começado e percebi que os conteúdos eram bem mais complexos, por exemplo, eram mais abrangentes porque eram divididos, tinha matemática I, matemática II e matemática III. Enquanto nós no Piauí estudávamos a matemática durante o ano todo, aqui estudavam em 4 meses tudo. Mas, ainda tinha fé.

Tenho a recordação de um dia em que eu estava indo pra aula e que começou a chover, parei embaixo de um bloco não muito longe do cursinho onde um rapaz também parou. Começamos a conversar e ele perguntou se eu estudava, eu respondi que estava fazendo cursinho pra UnB, ele deu uma risadinha e disse que ele nem tentava, porque a UnB era pra elite. Achei estranho ouvir o comentário dele, pois ele sequer havia feito alguma vez na vida a prova de vestibular da UnB. Como poderia desistir sem tentar? Fiquei triste. As pessoas aqui falavam o tempo todo que a UnB era um “bicho de sete cabeças”, estava começando a acreditar nisso e me desanimar também.

Mudei para Brasília em agosto de 2006 e em janeiro de 2007 fiz a minha primeira prova de vestibular, eu estava com confiança que iria passar, mas não sabia como funcionava o esquema das provas de vestibular realizadas pelo CESPE. O curso que eu escolhi foi o de psicologia. Pensei que se eu soubesse como eram as provas, isso poderia me ajudar a ficar mais tranquila.

O resultado da prova foi negativo, eu não fui classificada, fiquei triste, mas continuei estudando no mesmo cursinho. Dessa vez eu estava desanimada e cansada de ouvir todos falarem que a universidade era para os ricos. Estava planejando pagar uma faculdade particular, mas minha mãe não gostava da ideia de eu desistir assim. Fui aconselhada a fazer de novo o vestibular, dessa vez para o curso de pedagogia, pois eu poderia me especializar em

psicopedagogia. Gostei da ideia, pois tinha o fato de eu não ter que dar aula pra crianças, não que eu não gostasse delas, mas é que estressam muito e infelizmente a profissão de professora não é a que dá mais lucro em nosso país. Minha mãe já me dizia desde que eu era bem pequena que devemos ter pensamentos positivos sempre, porque podemos atrair coisas boas com o pensamento. Então tinha (e ainda tenho) a mania de colar nas paredes de meu quarto, coisas que eu considero positivas, como histórias, fotos, pensamentos e frases.

Eu havia escrito na parede do meu quarto a seguinte frase: *“Vou passar no vestibular 2/2007”*. Alguns minutos depois eu passei de novo e acrescentei: *“Vou passar no vestibular 2/2007 ou 1/2008”*. Quando voltei ao quarto olhei o cartaz e risquei o que tinha acrescentado, deixando então o que estava escrito antes: *“Vou passar no vestibular 2/2007”*. Fui à cozinha e quando voltei olhei o cartaz e ri e falei em voz alta que era impossível acontecer isso. Mas, deixei o cartaz lá mesmo. Assim que eu tinha um tempinho ia estudar, mas não gostava de estudar matemática, estudava principalmente redação, principalmente pelo fato de ter tido a melhor redação do cursinho pré-vestibular que eu fiz até o meio do ano no Piauí. Mas, não estudava tanto como deveria e como muitos outros faziam.

Quando o dia da primeira prova chegou, eu estava cansada e com preguiça, pensei em desistir de ir fazer a prova, mas eu morava quase na mesma quadra da UnB, eu morava na SQN 205, se minha mãe descobrisse que eu não havia feito a prova do vestibular, iria ficar muito triste comigo, por isso decidi ir “dar uma olhada” na prova. Logo que eu peguei a prova e comecei a ler, achei o texto bem interessante e o que lembro depois é que faltavam apenas trinta minutos para o fim da prova e eu ainda não tinha preenchido todas as bolinhas do gabarito. Fiquei nervosa, mas havia respondido todas as perguntas. E eu estava até admirada comigo, mas fiz isso mesmo por brincadeira, porque apesar de ter respondido, não tinha achado a prova fácil.

No segundo dia eu tive vontade de rasgar a prova, parecia tudo tão difícil e eu pensei que estivesse fazendo prova pra agência de inteligência de algum serviço secreto, não era tão boa em exatas. Parecia que eu não sabia nada. Fiquei quase deitada na carteira esperando a primeira meia hora passar pra eu poder ir embora, eu não queria responder nada. Queria chorar. Como não tinha muito a fazer, comecei a ler a prova e responder, respondi uma, duas, três e quando percebi tinha respondido mais do que eu esperava. Tentei usar o que eu sabia com o que considerava lógico e juntei tudo. Entreguei a prova em um tempo razoável.

O dia do resultado chegou e minha mãe perguntou se eu tinha passado, eu respondi que não, mas na verdade eu sequer havia olhado o resultado. Fui para o curso de digitação que eu estava fazendo, comecei a pensar no resultado da prova e resolvi então olhar a lista de aprovados. Quando entrei na página on-line do CESPE, a única opção era escrever o nome do candidato, não vi a grande lista. Digitei meu nome e o que apareceu na página foram o meu nome, o curso, número da inscrição e o turno. Achei muito estranha aquela informação, então resolvi colocar o nome completo de dois colegas meus do cursinho, mas não apareceu nada para eles. Comecei a ficar curiosa, mas tentei ficar calma também.

Quando cheguei em casa falei pra minha mãe pra ela não ficar alegre, mas que eu achava que tinha passado no vestibular. Ela parece que não ouviu o que eu disse e ficou eufórica demais da conta, mas eu disse que não tinha entendido porque não aparecia a lista com todos os nomes de aprovados. Minha mãe me obrigou ir ao CESPE verificar a lista completa, pois eu estava achando que era engano ou que eu havia entendido errado e por isso não queria sofrer depois. A atendente do CESPE confirmou que eu havia passado no vestibular. Eu olhei a lista de aprovados várias vezes e mesmo assim eu não acreditava. Estava feliz, mas pensava que a qualquer momento eu iria descobrir que tinha sido um grande engano.

A semana da matrícula havia chegado e minha mãe estava ansiosa e feliz por mim, mas eu não sentia a alegria de todos os outros alunos que também passaram, eu tinha mais medo e insegurança do que felicidade. Precisava agora só pegar a documentação que tinha ficado na escola onde fiz o 3º ano do ensino médio, antes de vir eu não encontrei a coordenadora pra me entregar a documentação que estava toda arrumadinha e pronta. Detalhe importante: essa documentação estava toda lá em Teresina e eu aqui com pouquíssimo tempo pra resolver tudo. Comecei a entrar em desespero porque eu teria que resolver isso lá e poderia ainda perder a vaga por conta dos poucos dias pra matricular aqui, mesmo na época a UnB estando em greve.

Tudo aconteceu surpreendentemente e eu resolvi em um dia apenas tudo o que precisava e que eu provavelmente não resolveria em meses, voltei o mais rápido que pude à Brasília e poucos dias depois, a greve acabou. Fiz minha matrícula e confirmei no primeiro dia de aula que meu nome realmente estava na lista de chamada e que não poderia ser um grande engano, pois até então ainda não acreditava.

Muitas coisas mudaram desde minha chegada a Brasília e meu ingresso na UnB. Meus conceitos e pré- conceitos também mudaram. Aprendi muitas coisas boas, mas também muitas coisas ruins. Posso escolher entre as duas opções, mas de certo terei que prestar contas depois. Hoje me considero uma nova Beatriz, agora sou Antonia Beatriz com orgulho.

No decorrer desses quase seis anos que estou no Distrito Federal amadureci muito e mudei em diversos aspectos. Tive algumas oportunidades que com certeza jamais esquecerei. Conheci algumas pessoas que ficarão para sempre no coração, vivi experiências incríveis e importantes. Uma delas foi o fato de junto com meu grande amigo, Hugo Nicolau, escrevermos um artigo e criarmos um projeto que rendeu e que ainda renderá muitos “louros”, mesmo que seja apenas a simples satisfação pessoal. Colocamos em prática o Projeto Ideia Minha. Com esse trabalho modificamos uma escola da Vila Planalto, ajudamos uma Associação Comunitária em Santa Maria e conseguimos apresentá-lo em alguns outros países, Cuba e México.

Durante esses semestres todos, tive experiências muito marcantes em algumas disciplinas que sei que me ajudaram bastante e que me fizeram ter novas perspectivas de vida e outros pensamentos com relação ao simples fato de viver.

Um das disciplinas que muito me chamou a atenção de uma forma especial foi uma Oficina Vivencial. A aula era ministrada não pelos professores, mas sim pelos alunos. O professor simplesmente deixava que os assuntos fluíssem de forma natural e espontânea. Naquele semestre lemos dois livros específicos, “Fomos maus alunos” e “Não espere pelo epitáfio... Provoações Filosóficas”, do Mario Sergio Cortella. Ambos são livros maravilhosos que nos fazem ter expectativas de um futuro melhor. Enquanto o primeiro aborda vivências dos dois autores, Gilberto Dimenstein e Rubem Alves, e de como a educação se faz importante e é, enquanto resultado das oportunidades advindas da escola, faz referência à educação como diferenciada simplesmente do Ensino. Já o segundo livro, foi mais impactante em minha vida, me fez refletir sobre a minha importância como ser social e ativo neste mundo.

Não espere pelo epitáfio... Provoações Filosóficas, foi escrito num período de dez anos, foi através das reflexões filosóficas do autor que ele foi originado. Esse livro desperta a curiosidade e explica questionamentos comuns ao ser humano contemporâneo. Apesar de ter sido escrito em uma década, o autor não se limitou somente ao livro em si, mas continuou

com suas rotinas e objetivos pessoais. Ele ainda faz uma comparação entre os Titãs da mitologia grega e os Titãs, a banda de rock nacional, tudo com a intenção de fazer com que o leitor não se arrependa do que não fez.

Acredito que as aulas dessa oficina me fizeram reavaliar sobre a minha vida e sobre os meus planos, me considerava uma pessoa preconceituosa e ao mesmo tempo muito medrosa. Isso me fez adquirir autonomia para enfrentar meus monstros internos e a tentar enxergar a vida de outra forma.

Em algumas fases da minha vida tento dar uma pausa a tudo e começo a reanalisar as minhas atitudes e ver em quais pontos posso melhorar, não somente em fatores que me façam uma pessoa melhor com os outros, mas, sobretudo, uma pessoa melhor para mim. Pois somente quando eu fizer uma reconstrução de meus atos e atitudes, é que poderei entender melhor o ser humano como um todo.

A disciplina, que por fim, não era disciplina, mas sim uma Oficina Vivencial, foi de certo modo, um dos grandes estímulos para a escolha do tema desse relato de experiência. A interação com o outro, a participação, o afeto e o desafio de entender a si e ao outro me fez uma pessoa diferente e acredito também, que melhor.

O que aprendi sobre o não esperar pelo epitáfio está relacionado a todas as minhas experiências atuais. É necessário que nós indivíduos que dividimos o mesmo planeta, possamos também dividir o mesmo mundo.

Vivemos em tempos de egoísmo coletivo, sequer conhecemos o nosso vizinho de porta, ou sequer olhamos para a pessoa que senta ao nosso lado no ônibus. O que devemos entender é que somos pessoas ativas na construção do caráter e da formação de inúmeras pessoas que nos cercam.

Entendo hoje, que não é pelo simples fato de não ter nada a ver com a sujeira ou com o problema do outro, que eu não seja responsável por isso. Somos seres humanos e nossas atitudes se refletem na natureza e no outro. A capacidade que temos de transformar o ambiente é imensa e é isso que provoca o afeto ou não, em outra pessoa.

Durante o semestre que vivi as experiências da afetividade com meus colegas de turma, percebi que foi um semestre mais tranquilo e amistoso. Conheci muitas pessoas jamais passarão despercebidas por mim, as outras são pessoas que vieram e que foram, porém

aquelas ficarão para sempre. Muitas delas já se formaram, algumas casaram, outras passaram em concursos públicos, outras mudaram de cidade e assim continuaram as suas vidas. O que elas não sabem é que a afetividade que tenho por todas elas é algo enorme.

Daí, a grande necessidade de falarmos para aqueles com quem criamos vínculos, da importância que eles nos fazem. O que aprendi foi que, em menos de um segundo, as coisas podem mudar e que o tempo é curto para se dizer o que de fato queremos. Arriscar é algo que muitas vezes nos assusta, pois está vinculado ao novo, ao inesperado e até mesmo à negação.

Antes do meu ingresso no curso de pedagogia, muitas coisas sobre a existência, sobre a minha condição de ser humano, me deixavam confusas e perplexas. Possuía muitas dúvidas e medo. As situações com as quais cresci me estimulavam a ter uma visão fragmentada e discriminatória com relação aos “diferentes”.

Cresci em uma família com pensamentos retrógrados e de pouca aceitação ao novo. Ia à escola, a igreja e o que aprendia eram meros ensinamentos de física, química e as outras disciplinas do currículo escolar, entre as orações que ensinavam nos cultos.

Com a Oficina Vivencial vi muitos dos meus pensamentos caírem por terra, aprendi que nada mais sou, do que simplesmente igual ao outro. Tive vergonha dos meus antigos pensamentos e atos de discriminação. Cortella diz que, “Há aqueles que procurarão obter vantagens inescrupulosas com os temores religiosos, explorando a fragilidade de nossas angústias e fraqueza; contra esses “vampiros de almas” só funciona o aparato judicial e a religiosidade esclarecida e não alienante.” (Cortella, 2005, P. 20).

O mais interessante com essas experiências da Oficina Vivencial foi que eu aprendi e continuo a aprender cada dia mais, mesmo que lentamente, que não há problema na religiosidade, mas que há um enorme perigo na religiosidade não esclarecida e alienante. Quando aprendi que não devo esperar pelo epitáfio, tive medo de viver e de me expor. Tive muitas dúvidas e repressões. Ainda era difícil entender o porquê de as coisas serem tão complicadas em nossa sociedade.

Somos em determinados momentos indivíduos machistas, preconceituosos, racistas, homofóbicos ou religiosos extremistas. Não aprendemos a cultura da tolerância e do respeito, acredito que se cada pessoa tivesse a oportunidade de fazer uma oficina de vivência,

aprenderia a ter solidariedade, compreensão e habilidades de conviver com as pessoas, mesmo sendo elas com pensamentos tão diferenciados dos nossos.

Outra importante disciplina que marcou o meu percurso durante os semestres foi a de Antropologia da Educação. Acredito que em termos de aprendizado acadêmico formal, foi o que mais me abriu a mente e me fez expandir os horizontes. Um termo do qual jamais me esquecerei foi: Por debaixo da pele, todos somos iguais. Essa foi uma frase impactante em minha vida. Entendi que meu orgulho bobo e que meus preconceitos não me faziam uma pessoa correta e íntegra diante de mim e dos meus semelhantes. Aliás, com essas atitudes estava me tornando uma pessoa equivocada e alucinada.

Eu não era a pessoa que estava planejando me tornar. Houve uma grande frustração em minha vida e no sentido dela para mim. E como educadora tenho a necessidade e a obrigação de ter a consciência de que a nossa sociedade já está bastante alienada e equivocada, o significado e a importância de cada indivíduo na sociedade é que deve fazer o nosso mundo um lugar melhor pra se viver. Somos responsáveis pela educação e pela produção de mentes libertas e desprovidas de preconceitos e discriminação.

Sobre a inserção nos projetos, tudo ocorreu de forma simples, pois não me preocupei em começar a fazê-los no início da vida acadêmica, fui analisando quais deles mais se encaixavam com o que pretendia apresentar no fim da graduação. Aos poucos fui me aproximando de forma ainda tímida e quando menos percebi já estava fazendo projetos 3 e 4 de uma só vez.

O meu ingresso no projeto 4 se deu por conta de eu não ter me identificado com os outros projetos propostos pela Universidade e pelo fato de não haver me adaptado e nem me encontrado dentro do projeto 4, que era fundamentalmente voltado para a alfabetização de jovens e adultos. É uma área bastante interessante, mas que não me chama a atenção e acredito que não existiria significado nenhum pra mim. Não dá para participar de alguma coisa da qual gosto mais ou menos, tem que existir total dedicação e entrosamento para que efetivamente existam resultados positivos e satisfatórios.

Durante os processos de construção e reconstrução, tanto da área ambiental e também intelectual, percebi que meu lado pessoal estava sendo afetado de um bom modo, posso assim dizer. Senti vontade de me aprofundar na área de afetividade enquanto interligada a trabalhos

realizados em grupos, principalmente em comunidades carentes e a entender sobre a possível afetividade gerada pelas transformações do meio.

A princípio pode parecer que trabalhar em grupo seja uma atividade muito complicada, realmente é. Mas, junto com a vontade de que a situação mude, existe algo bastante importante e que talvez seja um dos fatores mais importantes, juntamente com a afetividade.

Ainda tenho muito a percorrer. Durante esses semestres na UnB, entendi que o afeto foi muito importante para que eu chegasse até aqui, mesmo esse aqui sendo tão perto. Ainda tenho um longo caminho a percorrer, mas quero pôr em prática meus saberes e entendimentos do que seja necessário para minha realização como pessoa e principalmente em relação à solidariedade e afetividade.

Durante meus quatro últimos semestres pude viver novas experiências acadêmicas devido a algumas viagens, todas referentes ao trabalho que surgiu devido aos projetos 3 e 4, a oportunidade deu origem ao Projeto Ideia Minha, que será falado mais adiante.

A primeira viagem foi para a cidade de Havana – capital de Cuba, em janeiro de 2011 e em setembro do mesmo ano surgiu a oportunidade de irmos para a Cidade do México – México. Essas experiências foram marcantes e de grande importância para a minha formação acadêmica. Os congressos, as falas, as pessoas, as culturas, todos esses fatores foram de extrema relevância para a realização desse trabalho.

Novamente pudemos participar de um Congresso de Educação em Julho de 2012, então regressamos a Havana para a apresentação novamente de nosso trabalho, o Projeto Ideia minha, agora em outro seminário e com outro tema. Cada congresso nos trouxe experiências diferentes e ricas em informação, não somente por termos ido a congressos internacionais, mas pelas trocas de informação e de vivências. Além de termos conhecido algumas pessoas maravilhosas que nos cativaram e que estão presentes até hoje em nossas vidas, pudemos entender um pouquinho da rotina e da construção do caráter de cada uma, em termos de educação familiar e cultural advinda de sua cidadania e da importância dada por seus respectivos países para a educação.

Muitas das experiências que adquirimos durante o curso foram aprendidas e apreendidas com base nas oportunidades que tivemos de unir teorias a práticas. Não somente

em ambientes escolares, mas também na sociedade como um todo e nas constantes trajetórias às quais as crianças e adultos são expostos na grande maioria das vezes.

Percebemos que a sociedade brasileira tem pouco acesso à educação, isso devido a diversos fatores, sobretudo, a falta de investimento e comprometimento com a mesma. Muitas das experiências que serão relatadas aqui, são baseadas em análises concretas de como a educação é diferenciada em alguns países. Devemos deixar claro que não podemos generalizar as sociedades observadas, pois nem todas as características sociais podem ser consideradas excelentes e de máxima qualidade. Enquanto em algumas situações há um alto índice de qualidade, por outro lado, na maioria das vezes haverá outro que necessite de maior atenção.

As experiências vividas não se referem especificamente à qualidade da educação, contudo fazem referência à afetividade como meio de motivação a uma educação de qualidade, mesmo que em ambientes simples e rústicos.

Um bom exemplo a ser seguido pelo Brasil seria também aplicar nas escolas de educação infantil métodos simples e eficazes que estimulem a criatividade, atenção e entre cada passo realizado a partir das atividades em grupo, entender a afetividade como método de interação eficaz de aproximação. A relação com o outro e com a natureza faz de nosso cenário educativo, uma relação de punição e descuido com a sociedade e com o outro.

Em visitas a ambientes escolares na cidade de Havana, em Cuba, em janeiro de 2011, foi possível observarmos que as características físicas das escolas são estruturadas em ambientes que antes serviam como casas para nobres famílias de origem européia que foram deportadas para suas terras de origem e que elas, portanto, ficaram desocupadas por certo período. Essas casas foram transformadas em escolas de educação infantil.

Como espaço originalmente construído para famílias habitarem, logo sabemos que não são adequadas totalmente para a transformação em uma escola. Porém, o que se observa com isso é que a força de vontade da sociedade como um todo, faz com que ambientes aparentemente inutilizáveis possam se transformar ricamente e de uma forma simples e importante.

A afetividade é apenas mais um recurso que a escola cubana utiliza para abrir oportunidades para um aprendizado com qualidade, criar ambientes nos quais as crianças se sintam à vontade e tenham um maior aprendizado.

Na escola de Cuba, foi possível observarmos que, mesmo as escolas não dispoendo de materiais didáticos sofisticados e de última geração, o contato entre estudantes e educadores de uma forma afetiva, faz com que as evoluções no sistema emocional auxiliem no desenvolvimento de atividades que envolvem unidade e reunião entre grupos, transformem ambientes comuns em ambientes agradáveis e trazem bons resultados no que concerne ao desenvolvimento cognitivo e de aprendizado para as crianças. O contato com a natureza e com o meio ambiente de uma forma na qual o indivíduo interaja com a natureza de forma respeitosa, faz com que as sociedades vivam em maior harmonia e, portanto, que se produzam meios de qualidade de vida e de atenção as relações afetivas.

O que devemos copiar de alguns países com excelência em educação, não são os métodos de ensino somente, mas o respeito ao ser humano de forma geral. As pessoas são seres sociais, que sem educação, sem instrução e sem formação, nada mais são do que meros seres vivos. Por isso, que em algumas situações incomuns descobrimos pessoas que convivem com animais e com eles interagem de forma simples e normal, não se reconhecem como seres humanos, mas sim como animais irracionais, destituídos da oportunidade de conhecer o amplo e a interação.

Uma das nossas características como seres humanos é a de pensarmos em nossas ações e atitudes, porém, nosso comportamento tem sido comparado algumas vezes a atitudes irracionais e irresponsáveis. Principalmente o nosso contato com a natureza e com o ser humano.

Somos geradores de guerras, de caos político, religioso, econômico, entre tantos outros. O que o curso de pedagogia me fez entender é que há uma grande diferença entre ser professor e ser educador. Devemos compartilhar e buscar atitudes de respeito, sobretudo, com o próximo, pois se respeito á natureza, conseqüentemente respeito o próximo. Os projetos e disciplinas me ampliaram a visão sobre a situação na qual nos encontramos. O Projeto Ideia Minha, foi o auge de todas as teorias. Pude colocar em prática tudo aquilo que estudei e me disseram que deveria fazer, aliás, não que eu tenha aprendido tudo o que estudei, mas que a minha formação me permite entender.

Entre tantas disciplinas, todas foram de grande importância na ampliação da minha formação pessoal. É claro, que os preconceitos não são totalmente retirados de nossas vidas, mas o objetivo é que eu aprenda a me posicionar de forma respeitosa e crítica ao mesmo tempo com relação aos meus comportamentos diante do mundo.

O meu processo de vivência na UnB me ensinou muitas coisas importantes, entre elas, que eu sou forte e que mesmo sendo a primeira pessoa de minha família a alcançar nível superior em uma instituição pública, sou responsável pela mudança que também ensinei em minha família. Sei que com ela pude aplicar um pouco do que aprendi e do que pretendo repassar.

A jornada simplesmente está no começo.

SEGUNDA PARTE

INTRODUÇÃO

Diversos são os problemas enfrentados pela educação na atualidade. Uma das visíveis dificuldades que a escola tem enfrentado é a desumanização do ser humano.

Isso tem afetado diretamente o processo de ensino e aprendizagem, visto que os seres humanos estão distanciados de valores fundamentais para o convívio em sociedade.

Podemos observar ser recorrente a preocupação em relação a essa problemática. Documentos como a Carta da Terra e o Relatório Delors evidenciam diversos problemas e apontam sugestões de soluções para estes.

Alguns autores, como Edgar Morin em seu livro, Os sete saberes necessários à educação do futuro refletem profundamente sobre a forma que devemos conduzir a educação a fim de dar a ela uma nova dimensão, a dimensão humana.

No campo dos teóricos da pedagogia, podemos observar pesquisas que são fundamentadas na relação do ser humano com seus semelhantes e com o meio em que vivem. Entre eles destacamos Vygotsky, com sua teoria sócio-interacionista e Paulo Freire e a pedagogia da autonomia.

A partir disso, o que segue é um olhar sobre o que se desenvolveu no âmbito do Projeto Ideia Minha, que propõe de forma geral a revitalização de espaços educativos – escolares e não escolares- como meio de tentativa de reumanização do homem e valorização da afetividade no seu cotidiano.

CAPÍTULO 1 - LEITURA SOBRE A VIDA MODERNA.

Esse capítulo registra a leitura que fazemos sobre a vida moderna, baseado no documento denominado Carta da Terra; no relatório Delors; nas reflexões de Edgar Morin sobre os sete saberes necessários à educação do futuro e nas ideias de Vygotsky e Paulo Freire.

A cada dia que passa, observamos que nossa sociedade vive crises nas quais percebemos que os valores presentes adquiriram novos contornos e significados. O apego e o afeto, de uma forma geral, andam muito distantes das pessoas.

A sociedade como um todo, anda desviada das verdadeiras motivações que a fazem se desenvolver. As pessoas nela inseridas estão deixando de sentir prazer nas atividades que desenvolvem e/ou exercem. Estamos vivendo uma crise onde a “independência” e “autossuficiência” nos tornam cegos diante do que nos faz essencialmente humanos, levando-nos a acreditar que não necessitamos mais uns dos outros.

Ela pode ser vista então como a sociedade do agora. Esperar não é uma atitude que se admire ou se aprenda. Tempo é dinheiro, e dinheiro significa lucro. O capitalismo dita a regra da autossuficiência econômica, do ter para ser.

Cada vez mais observamos a grande quantidade de pessoas que seguem as regras impostas por esse sistema, sem questioná-lo, sendo oprimidas e esmagadas pelo mesmo. Devemos, frente a tais imposições, sermos sempre os melhores. Percebemos com isso que estamos sendo conduzidos a ouvir, obedecer e reproduzir sem sequer refletir sobre nossos atos. Estamos nos tornando alienados, incertos e inseguros sobre nós mesmos. Podemos ver crianças e jovens se tornando meras máquinas de copiar, como criaturas sem o poder de criticidade e de escolhas próprias.

Ser o melhor demanda muita responsabilidade e essa responsabilidade requer, muitas vezes, um alto risco. Esperamos formar pessoas capacitadas apenas intelectualmente. Com vistas nesse objetivo estamos deixando de lado aspectos importantes para a formação de todo ser humano. Ser social é o que nos diferencia dos outros bichos da natureza.

No que diz respeito à escola em relação às mudanças ocorridas pelas regras do sistema capitalista, não poderia ser diferente. De certo modo a escola adquiriu novas metas e objetivos

juntamente com a modernidade, pressionada pelo referido sistema econômico que se faz, cada vez mais, presente em nossa sociedade. A educação teve que se adaptar e se enquadrar no sistema social capitalista tecnológico.

Observamos que a forma como o sistema capitalista está organizado, faz com que os educadores não sejam reconhecidos como deveriam. A própria escola limita as ações dos professores. A nova ordem da educação está quase que totalmente voltada ao mercado financeiro. A escola se tornou uma empresa que pretende apenas formar trabalhadores mais capacitados e preparados para dar continuidade ao crescimento do mercado, deixando de lado a afetividade, criatividade e as motivações que são responsáveis pela formação da cidadania e da totalidade do que se pretende como desenvolvimento humano.

Vivemos na era moderna em que os bens de consumo são substitutos da alegria, da convivência e da família. Percebemos muitas crianças envolvidas em jogos de vídeo game, ao invés de estarem brincando com outras crianças ou interagindo com seus familiares.

É natural do ser humano buscar momentos de calma e até mesmo de solidão, porém com certo limite. Não é normal que as pessoas se isolem e se limitem a recursos tecnológicos que roubam o seu tempo de convívio social.

Faltam então, diálogos e boa convivência nas relações mais importantes da vida das pessoas, acarretando para grande parte da sociedade a carência de afeto.

A afetividade¹ é a relação de carinho ou cuidado que se tem com alguém íntimo ou querido. É o estado psicológico que permite ao ser humano demonstrar seus sentimentos e emoções a outro ser ou objetos. Pode também ser considerado o laço criado entre humanos, que, mesmo sem características sexuais, continua a ter uma parte de "amizade" mais aprofundada. A afetividade é a suscetibilidade que o ser humano experimenta perante determinadas alterações que acontecem no mundo exterior ou em si próprio. Tem por constituinte fundamental um processo cambiante no âmbito das vivências do sujeito, em sua qualidade de experiências agradáveis ou desagradáveis.

As novidades tecnológicas são altamente imprevisíveis, enquanto em um curto período surge uma nova tendência, logo vem outra mais moderna para substituí-la. As pessoas

¹ Site de pesquisas Wikipédia, com adaptações. Acessado em 02/04/2012.

ultimamente se preocupam mais em obter o mais recente e atual, e se esquecem de se renovarem como pessoas solidárias e mais centradas em adquirirem métodos de entender um ao outro e de se relacionarem com o meio ambiente de forma saudável e renovável.

A incompreensão se tornou uma doença que contamina as famílias, a escola e a sociedade de forma a devastar os seres humanos em sua essência, tornando as pessoas meras seguidoras do sistema, reproduzindo-o. O questionamento é algo intolerável, o pensamento é algo negado, a inovação e a criatividade se tornam algo quase que comparado a um pecado ou ilegalidade.

A cultura da paz, da tolerância, do afeto e do respeito necessita de um resgate que a coloque em primeiro lugar, pois é com base nisso que a educação pode se sustentar para promover o verdadeiro conhecimento, que envolve respeito pela diversidade e pelas diferenças.

Afirma-se que as crianças de hoje serão os adultos do amanhã. Dessa forma, os adultos de hoje são as crianças de pouco tempo atrás, fazendo parte das mudanças na educação e, sobretudo, do nosso presente e o futuro próximo.

Um dos documentos que demonstram a preocupação com esse processo de desumanização do ser humano é a Carta da Terra, declaração de princípios éticos fundamentais para a construção de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica e que está estruturada sobre quatro principais tópicos, sendo eles, o respeito e cuidado pela comunidade da vida, integridade ecológica, justiça social e econômica e democracia, nãoviolência e paz.

Em 1987 a Comissão das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, através do documento “Nosso Futuro Comum”, recomendou a redação de uma nova carta sobre o desenvolvimento sustentável com o objetivo de ajudar a construir no século 21 uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. A primeira versão da carta da Terra foi elaborada no ano de 1992, em um evento paralelo da Cúpula da Terra – Eco – 92 – Realizada no Rio de Janeiro. No dia 29/06/2000 no Palácio da Paz em Haia, a versão final da carta da Terra foi lançada. Contou com a contribuição de milhares de pessoas de todas as raças, credos, idades e profissões, incluindo especialistas em ciências, filosofia, ética, religiões e leis internacionais.

Esse documento aborda a necessidade de se reconhecer que a liberdade de ação de cada geração é condicionada pelas necessidades das gerações futuras.

A Carta da Terra é a busca por um novo começo e isso somente será possível a partir de uma reeducação. Fundamental então é a necessidade de uma nova educação pautada em uma escola que reveja sua forma de pensar o futuro das próximas gerações.

O relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, denominado Relatório Delors, também aborda as atitudes fundamentais para a aprendizagem, que devem fazer parte da missão da educação do século XXI, sendo elas: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

Aprender a conhecer requer muito mais que simplesmente ver, está ligado ao aprofundamento da apreensão, da atenção, da memória e do pensamento, ou seja, antes de qualquer coisa devemos aprender a aprender.

Aprender a fazer é apenas um complemento do aprender a conhecer, pois logo depois do conhecer, a vontade principal é a de pôr em prática exatamente aquilo o que se aprendeu e logo depois disso continuar a exercitar. Aprender a fazer combina qualificação técnica e profissional.

Aprender a viver juntos talvez seja a mais complicada de todas as aprendizagens. Para que isso aconteça é necessário que desenvolvamos a compreensão do outro e a percepção das interdependências. Ao nos referirmos à compreensão do outro devemos estar voltados para o significado dos valores, as diferenças e ao pluralismo.

Quanto a isso a educação para o século XXI deve abordar e trabalhar sobre as diferenças, para que não somente no presente, mas, sobretudo, no futuro, a clara conscientização de que existem diferenças e que estas devem ser consideradas como regras normais das diversidades culturais.

Aprender a ser é a aprendizagem que jamais terá fim. Enquanto houver a existência do ser social, aprender a ser, desde o nascimento, é algo que se adquire e conquista a todo o tempo.

A educação deve criar meios para que as pessoas não fiquem restritas a seus mundos individuais.

Essas quatro aprendizagens estão interligadas entre si, uma dependente da outra. Reestrutura o meio como devemos conduzir a educação de forma que melhore a potencialidade de formarmos cidadãos efetivamente mais humanos.

O que podemos perceber até agora é a necessidade de uma reorganização estrutural imediata da educação. Uma proposta para essa reorganização do sistema educacional pode ser vista nas ideias de Edgar Morin, que em seu livro - Os setes saberes necessários à educação do futuro - aborda problemas específicos do ele chama de buraco negro da educação.

De acordo com seus pensamentos observamos que atualmente a educação é, em muitas ocasiões, ignorada, subestimada e fragmentada nos programas educativos sendo estes os grandes responsáveis pela formação intelectual, social e afetiva das crianças e jovens de nossa geração.

Morin separa e explica em tópicos cada um dos saberes necessários para a educação do futuro, sendo eles: o conhecimento, o conhecimento pertinente, a identidade humana, a compreensão humana, a incerteza, a condição planetária e por último a antropológica.

Para ele o *conhecimento* é uma tradução, seguida de uma reconstrução, sendo um erro acreditarmos que a ideia é a realidade.

O *conhecimento pertinente* é o que não mutila o seu objeto, ou seja, é a capacidade de colocar as experiências que vivemos num contexto. As possibilidades devem ser estimuladas e desenvolvidas pelo ensino, ligando as partes ao todo e o todo às partes.

No caso dos estudantes submetidos ao ensino formal, o conhecimento pertinente deve estar ligado de alguma forma ao contexto em que cada um vive. Não devemos separar a realidade vivida por cada um, do conhecimento científico. Assim a educação será mais eficiente e prazerosa aos estudantes. Não será algo desvinculado e desconexo.

Já a *identidade humana* aborda à noção de diversidade, pois é algo que não podemos estudar separadamente. Devemos considerar a grande quantidade de pessoas, culturas, pensamentos e atitudes geradas pelas formas de comportamento e de conhecimentos diversos.

De acordo com Morin, o que chama de *compreensão humana*, é algo que nunca se ensina a alguém. Para ele, compreender o outro comporta uma parte de empatia e outra de identificação. Chama a atenção, ainda, sobre a falta de preocupação em ensinar sobre a compreensão.

Ao abordar o princípio da *incerteza*, o autor destaca o que denomina de ecologia da ação. Podemos explicar o significado desse termo como sendo um desvio de intenção causado pelo incentivo a uma ação ou ato, podendo até ser um desvio dado de forma contrária ao objetivo principal.

O princípio da incerteza é uma incitação à coragem. O imprevisto não é totalmente desconhecido. Sempre haverá novas possibilidades. Portanto, devemos refletir sobre as nossas atitudes e sobre suas consequências. A humanidade deve atentar para suas atitudes com relação à natureza e com o ser humano de uma forma especial. Devemos entender que somos um todo dividido em partes e que essas partes têm estruturas e conexões diversificadas, sendo o respeito o que diferencia e iguala a todos.

A *ecologia da ação*, em caso de incentivos a atos ruins - o de um adolescente que estimula outro a pichar um muro - por exemplo, trabalhada em quem é incentivado a fazer tal ato, faria com que em vez de o adolescente aceitar a proposta e pichar, induzisse o outro adolescente a ter consciência de que tal atitude além de ilegal é algo que fere o direito da sociedade de se ter ambientes limpos e em plena conservação.

A *condição planetária* é o sexto aspecto citado por Morin. Com ele podemos fazer um diálogo sobre a condição em que a raça humana se encontra. Estamos ao mesmo tempo evoluindo tecnológica e cientificamente e em contraponto decaindo em segurança mundial e em qualidade de vida. Isso pode ser visto no que se refere ao grande impacto ambiental e na poluição causada todos os dias por falta de consciência ecológica e de preservação de nosso habitat natural.

A condição planetária é o aspecto que mais se encaixa num dos pontos de maior abordagem da atualidade e temos como exemplos, a destruição da camada de ozônio, o degelo das calotas polares de nosso planeta e o desaparecimento de algumas espécies de plantas e animais- danos já irreparáveis.

O sétimo e último aspecto é o denominado *antropoético*. Isso porque os problemas da moral e da ética diferem entre si, dependendo da cultura e da natureza humana. Nesse, podemos citar as inúmeras diferenças entre os indivíduos e as sociedades. Nesse tópico, o autor incentiva o ser humano a buscar pela ética, pela liberdade de autonomia pessoal e a desenvolver a participação social, pois afinal, compartilhamos um destino comum.

A antropológica deve ser democrática, pois é assim que o indivíduo participa unitariamente dentro da sociedade, tornando-se cidadão, um ser responsável por suas escolhas e efeitos sobre os demais e sobre o meio.

Esse último saber tenta fazer uma tomada de consciência social, o que levaria o indivíduo a exercer a cidadania.

A partir dos saberes necessários aproveitados nesse tema, cabe a nós, refletir sobre as atitudes do ser humano em nossa sociedade que caminha ambígua entre o desenvolvimento tecnológico e o da formação humana plena, vindo contra as atitudes de uma cultura que não preserva o bem mais comum que temos que é a natureza. Não podemos perder nossa segurança e nem bem-estar com ela.

Devemos estar bem conosco e com a natureza, mesmo tendo o conforto oferecido a nós pelos mais sofisticados inventos da tecnologia. Antes de haver uma mudança do espaço físico é necessário que haja uma mudança na psique de cada ser humano. Devemos fazer uma viagem em nossa consciência e nossos atos, pois somente eles que nos trarão uma segurança e relação de afeto com o meio em que vivemos, seja ele independente da cultura que temos. Não devemos esquecer que dividimos não somente o mesmo espaço, mas o mesmo planeta e são os comportamentos e atitudes com relação à preservação e ao cuidado com o meio ambiente e a natureza, que teremos um lugar melhor para vivermos.

A exemplo disso, no filme - Sociedade dos poetas mortos - com direção de Peter Weir, o bem humorado professor John Keating, que leciona inglês como língua materna em uma escola para rapazes, inspira seus alunos, a seguirem os próprios sonhos e a buscarem conhecimentos a partir de vivências de seus cotidianos, usando métodos de ensino pouco convencionais, questionando assim os métodos arcaicos e tradicionais da escola. O resultado dessa prática pedagógica leva a um resgate da cidadania e autoestima dos alunos.

Essa relação dialética que existe entre seres humanos entre si e ainda entre seres humanos e seu meio é o que no campo da educação chamamos hoje de sócio-interacionismo, que foi teorizado, entre outros, por Vygotsky.

Vygotsky (1896 – 1936) procurou compreender a origem dos processos psicológicos no nível filogenético - desenvolvimento da espécie humana -, no nível sociogenético -história

dos grupos sociais-, ontogenético -desenvolvimento do indivíduo- e microgenético - desenvolvimento de aspectos específicos do repertório psicológico dos sujeitos-.

Para ele o ser humano não nasce ser humano, apenas desenvolve potencialidades e as exercita. O ser humano cria a história e a cultura e as mantém vivas.

De acordo com o referido autor o homem é regido por funções psicológicas superiores. Essas funções são as que envolvem a consciência, intenção, planejamento, ações voluntárias e deliberadas. Elas dependem do processo de aprendizagem e tal processo se dá tipicamente por interações interpessoais e com o meio onde estas ocorrem. Nesse processo a mediação, se dá pela interação com outros sujeitos ou também pelo meio.

Para que ocorra o desenvolvimento da aprendizagem e das relações interpessoais é necessário que a atividade desenvolvida, faça sentido ao indivíduo. Quando existe uma atividade específica que faça sentido a ele, seja criança ou adulto, essa atividade irá se caracterizar por etapas do desenvolvimento humano que possibilita a internalização de novos conhecimentos, aptidões e capacidades. Por isso, a educação deve garantir a criação de aptidões e habilidades inicialmente externas ao indivíduo.

Para Vygotsky, o papel do professor e da escola, assim como do educador de uma forma geral -pais ou responsáveis- deve se basear em processos de interação.

O ensino deve ser adequado às histórias de vida, das experiências e do meio sociocultural do indivíduo. A educação deve ser de igual qualidade para todos, pois somente assim, é que poderemos formar cidadãos conscientes e atuantes, não somente em questões de aprendizagem cognitiva, mas social e transformadora. É necessário que formemos pessoas com uma boa autoestima, bem-estar e que interaja com mais cuidado e afeto com o meio ambiente.

A escola não tem a função de educar sozinha e tem andado muito limitada por questões que restringem a liberdade de expressão e de ação.

Percebemos uma grande carência no olhar de grande parte das crianças. Elas estão sendo inseridas cada vez mais cedo nas escolas, enquanto maior parte dos pais está ocupada com o trabalho e muitas vezes saem cedo para o trabalho e só retornam tarde da noite, quando a criança já está dormindo.

Isso demonstra que as relações afetivas estão sendo afetadas.

As demonstrações de afeto tem se modificado muito nos últimos anos, o que antes era demonstrado cuidadosamente, hoje já é considerado ultrapassado e desnecessário. Os valores mudaram bastante. A criação da nossa geração é outra. Adaptada ao sistema capitalista de ideologia mercantilista e individualista despreza os interesses públicos e coletivos em detrimento aos interesses econômicos egoístas de alguns indivíduos e monopólios.

Devido às mudanças econômicas que estão ocorrendo nos últimos tempos, percebemos que os valores e as regras de convivência tem se modificado constantemente. O que antes era considerado correto, hoje pode ser uma visão estereotipada diante da nova sociedade. Os conceitos de educação mudaram e a função das escolas também, a própria família mudou seu jeito de se comportar, algumas coisas ficaram bem mais liberais, alguns preconceitos estão sendo quebrados e novas atitudes passaram a ser predominantes, porém nem sempre essa liberalidade contribui para a formação de um cidadão melhor que se relacione bem com o meio em que vive.

Existe propaganda em quantidade excessiva que mostra que a natureza está pedindo socorro. No entanto o que percebemos é que não muda muita coisa, a maioria das pessoas não tem a consciência de que os problemas são graves e que os danos muitas vezes não têm conserto. O importante a se pensar com relação à natureza é que não podemos revitalizá-la, ela é finita e em alguns casos o que praticamos a ela não se pode consertar jamais, além do fato de que tudo o que causamos a ela, é retornada a nós, mesmo que em período de longo prazo. As consequências dos grandes desastres naturais, em sua maior parte são causadas por causa da in consequência do homem.

O ser humano tem que agir sabendo de que nossos dias mudaram e que nosso futuro é incerto, que as nossas atitudes e ações interferem substancialmente no nosso futuro. Não aprendemos a trabalhar a tolerância, o respeito, a convivência e nem a compreensão ao outro e a natureza, por isso vivemos hoje o “caos” da natureza se voltando contra o homem.

Para que ocorra uma verdadeira autonomia na relação do homem com a natureza devemos efetivar mudanças de consciência e atitudes interagindo de forma saudável com ela.

Percebemos que a sociedade está meio perdida. Os valores mudaram e até a própria concepção de quais sejam os valores predominantes na sociedade atual também mudaram.

A solidariedade que antes era uma forma comum e simples de gentileza, hoje muitas vezes, não possui a mesma intenção. Não se conhece mais o significado do que venha a ser a Dádiva.

A dádiva é a junção dos verbos dar, receber e retribuir. Não se pode apenas Dar, nem somente receber. Para a dádiva deve existir também a retribuição. As pessoas não conhecem mais o termo solidariedade.

O conceito do dar e do receber está se transformando, não existe mais a reciprocidade diante do ser que contribui e do que recebe.

Diante da carência de afetividade, percebemos que o mundo de fato mudou e que nossas atitudes estão alterando o modo de vida para pior. A natureza não é a mesma, a do meio ambiente, nem a natureza do próprio ser humano.

A natureza já sofre os muitos impactos dessa falta de afeto. As pessoas desrespeitam o modo de cuidar do planeta, e não se preocupam com a saúde dele. O consumo desenfreado faz com que o lixo seja descartado nas ruas que nós mesmos utilizamos, cada vez em maiores proporções. Os números de animais que são vítimas de maus- tratos e de ameaça de extinção são enormes. A grande quantidade de dióxido de carbono que são lançados a cada segundo no ar só tem acelerado ainda mais o rompimento da camada de ozônio. Doenças respiratórias estão no auge, agora é o mal do século.

Não podemos ser tão seguros ao nos referirmos à nossa evolução. Evoluímos como espécie, provavelmente não como seres humanos, ao invés de existir todo um cuidado com o que nos pertence provisoriamente, destruímos, estragamos e sequer nos preocupamos com o futuro dos que ainda virão.

Enquanto o ser humano não tiver a consciência de que está desgastando o planeta, seu lar natural, não poderá tomar atitude diferenciada, pois não existe a consciência de que falta afetividade com relação ao simples fato de pertencer a uma comunidade e que essa comunidade, a humana, divide o mesmo espaço e que deve cuidar para que os recursos não se findem.

Para que existisse a modernidade tecnológica atual, foi e é de fundamental importância que os seres humanos vivessem em grupos interagindo socialmente uns com os outros, compartilhando experiências, vivências e confiança. A afetividade, desde cedo, foi se

desenvolvendo juntamente com as mudanças ocorridas no espaço físico. O homem mudou o meio e por ele foi mudado no que diz respeito a sua relação com a humanidade e com a natureza.

De acordo com Paulo Freire (1981), ensinar exige rigorosidade metódica. Isso significa que o ensino deve ser um compromisso ético e afetivo com o educando como ser histórico. Ensinar exige criticidade e o “ingrediente que possibilita a passagem da ingenuidade para a criticidade é a afetividade, a amorosidade pela qual o educador realiza este processo de estímulo e promoção da superação do educando através de suas próprias capacidades criativas”.

Por esse motivo é que desde cedo devemos ensinar as nossas crianças a ter cuidado com o meio ambiente, a ter consciência de que necessitamos da natureza para sobrevivermos e que com ela devemos ter uma boa relação afetiva.

Freire em *Pedagogia da Autonomia*, afirma que a esperança faz parte da natureza humana. Chama a atenção para o fato de que devemos perceber a interligação entre afetividade e de certo modo, a esperança. Sem a esperança, como condição da natureza humana, não seria possível a obtenção de bons resultados com relação a trabalhos realizados socialmente.

De acordo com o referido autor, “A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho”. Para se tomar a consciência de situação desumanizante é importante que se conheça seu significado e refletir sobre ele.

Dividimos o mesmo espaço no universo e deveríamos ser gratos por ser da Terra que adquirimos todo o nosso sustento. O grande problema é que o ser humano não percebe que a evolução da espécie se deu de forma natural e que por meio da natureza é que conseguimos nos manter e sustentar no decorrer dos milhares de ano em que estamos “evoluindo”.

Não podemos afirmar que a sociedade de uma forma geral se adaptou completamente ao sistema capitalista. Ainda existe uma quantidade de pessoas que o questionam e que criam propostas para que as oportunidades de uma vida melhor, dentro desse sistema, sejam inseridas nas camadas sociais menos favorecidas.

Vivemos dias em que as crianças estão sofrendo de déficit de atenção, andam desmotivadas e desanimadas. A partir de métodos de revitalização criamos formas simples de participação, de atenção e de curiosidade, cada indivíduo, seja ele criança ou adulto tem a capacidade de se interessar por aquilo que mais lhe chama a atenção, para isso é necessário que sejam criadas alternativas e métodos inteligentes de instigar a curiosidade e a vontade de exercitar a mente, isso não somente por parte do educador, mas também e principalmente, por dedicação do indivíduo. Devemos esclarecer que o processo de descoberta implica duração e aprofundamento da apreensão.

Implica além dessas combinações: o comportamento social, habilidades para trabalhos em equipe, capacidade de iniciativa e a vontade de arriscar. Tudo isso desenvolve qualidades afetivas na qual o indivíduo adquira a capacidade de se comunicar melhor, de trabalhar em equipe, de gerir e de resolver conflitos, além do mais acabam adquirindo aptidões para relações interpessoais, essas são as que menos as formações tradicionais conseguem transmitir com boa eficácia, portanto, tudo isso auxilia na capacidade dos indivíduos de estabelecerem relações estáveis e eficazes entre as pessoas.

Temos nos tornado cada vez mais desinteressados pelos problemas alheios e coletivos, não nos comovendo com a situação de nosso planeta, nem com a relação do homem com a natureza. Por isso, não conseguimos muitas vezes prestar atenção em coisas simples e de fundamental importância.

Nossa sociedade deveria estar muito mais preocupada com a formação de pessoas e não somente dedicada ao aprendizado no que concerne ao conhecimento teórico formal e intelectual, mas também na educação para o desenvolvimento da cidadania dos que sonham e que buscam priorizar um mundo melhor para se viver.

Pautados nas ideias colocadas até aqui, é que lançamos um olhar sobre o Projeto Ideia Minha que tem como proposta a revitalização de espaços educativos -escolares e não escolares- realizado em algumas instituições no Distrito Federal do Brasil.

CAPÍTULO 2 - PROJETO IDEIA MINHA: UMA POSSIBILIDADE DE MELHORAR A CONDIÇÃO HUMANA.

Neste capítulo relataremos algumas experiências em espaços educativos - escola e em organização não governamental – de revitalização de sua parte física onde perceberemos a importância dos conceitos estabelecidos no capítulo anterior no desenvolvimento do Projeto Ideia Minha.

O Projeto surgiu no campo de projetos de pesquisa e vivência do curso de pedagogia da Universidade de Brasília – UnB, nas fases 3 e 4, que abordam os princípios da economia solidária, uma forma diferenciada das pessoas se organizarem em torno do seu trabalho e dos benefícios que este pode produzir.

A Economia Solidária é uma forma diferenciada de as pessoas se organizarem em torno do seu trabalho e dos benefícios que este pode produzir. É um movimento de organização de homens e mulheres que, a partir do trabalho coletivo, passam a desenvolver formas de geração de renda, onde todos e todas têm suas necessidades satisfeitas e o uso dos recursos naturais é feito de forma responsável e consciente.

Na economia solidária, o trabalho não tem patrão e nem empregado. Os produtores e produtoras se organizam em sistemas de autogestão, ou seja, todos são responsáveis pelo empreendimento, todos decidem em conjunto e se beneficiam igualmente dos frutos gerados pelos mesmos.

A economia solidária vem se apresentando, nos últimos anos, como uma inovadora alternativa de geração de trabalho e renda e uma resposta a favor da inclusão social. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, clubes de troca, empresas autogestionárias, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário.

Considerando essa concepção, a Economia Solidária possui algumas características, são elas:

Cooperação: existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária. Envolve diversos tipos de organização coletiva: empresas autogestionárias ou recuperadas

(assumida por trabalhadores); associações comunitárias de produção; redes de produção, comercialização e consumo; grupos informais produtivos de segmentos específicos (mulheres, jovens etc.); clubes de trocas etc. Na maioria dos casos, essas organizações coletivas agregam um conjunto grande de atividades individuais e familiares.

Autogestão: Os participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, etc. Os apoios externos, de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria, não devem substituir nem impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação.

Dimensão Econômica: é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. Envolve o conjunto de elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais.

Solidariedade: O caráter de solidariedade nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com um meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.

Desta maneira desenvolvemos o Projeto Ideia Minha que propõe a reforma de objetos e espaços danificados e velhos com o uso de material de baixo ou de nenhum custo para a melhoria do espaço físico, que além de ser uma ação de economia solidária, ao mesmo tempo é uma ação que envolve a participação do homem e sua interação com o meio ambiente e o espaço social que também é a escola.

O Projeto Ideia Minha nasceu no ano de 2010 e a primeira experiência ocorreu no Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto.

Observando os espaços físicos das instituições educativas, que na maioria das vezes, eram deficientes e precários, surgiu em meados do segundo semestre de 2010 a ideia e o desejo de se fazer algo simples, barato e que envolvesse outros fatores além dos fatores econômicos.

A criação do Projeto Ideia Minha, visou, num primeiro momento, à revitalização de ambientes educativos públicos -escolares e não escolares- que tenham sua estrutura física deficitária, como ferramenta para a valorização do ambiente escolar pelos alunos, professores e todos os profissionais da escola, assim como a inserção da comunidade na vida escolar e ainda a efetivação da relação entre comunidade e escola.

Revitalizar significa recuperar o grau de eficiência e também isso nos levou a criar o Projeto Ideia Minha.

O Projeto Ideia Minha era a principio uma vontade de fazer diferente, porém que não tinha força pra deslanchar em meio ao campo da ação, as intenções eram muitas boas, porém a realização parecia ser pouco provável.

Durante o semestre, muitas coisas foram surgindo e muitas experiências foram trocadas entre os alunos e a base teórica oferecida pela professora, favorecendo o desejo de se aplicar não em um espaço muito distante, tudo aquilo a que estávamos constantemente absorvendo e aprendendo com o conhecimento da economia solidária.

Portanto, o que nos interessa mais profundamente falarmos aqui, é sobre a necessidade da modificação de um espaço inacabado e inadequado para a aprendizagem, principalmente em um ambiente educativo. Torna-se necessário falar sobre modificação do ser humano, de comportamentos e atitudes, quando até mesmo o espaço físico se encontra em mal estado de conservação.

Cabem aqui as falas do capítulo um deste trabalho, sobre a necessidade do resgate da relação do homem com o meio ambiente. Não somente a natureza viva necessita de cuidado e de atenção, mas os espaços físicos, sociais e materiais que nos cercam e são de grandíssima importância para a nossa interação com o meio.

O uso do espaço está a serviço da aprendizagem, por isso foi necessário modificá-lo, para que favorecesse de forma significativa a importância do *Estar bem*. Ao reconhecer a

contradição que permeia o mundo social, é possível perceber também o espaço, não só como instrumento de dominação, mas também que:

“Não há espaço vazio, nem de matéria nem de significado; nem há espaço imutável. Nada é mais dinâmico do que o espaço por que ele vai sendo construído e destruído, permanentemente, seja pelo homem, seja pelas forças da natureza” (LIMA, 1989:13)

Com a busca de valores humanos adicionado a cidadania, como propõe a economia social, este foi o primeiro e maior passo quando se trata de realizações e seus resultados.

Em visita a uma escola da Vila Planalto – DF, o Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto, percebemos que a escola mesmo próxima dos edifícios que representam nossos principais poderes, tem sua estrutura física precária e inapropriada para crianças. Sua estrutura estava em estado ruim e até mesmo causando perigo para o abrigo dos ocupantes daquele espaço.

Daí, tudo começou com a reforma de uma simples mesinha de desenhar e a autorização por parte de dois professores daquela instituição de ensino, para a reestruturação de suas respectivas salas de aula.

O primeiro passo se deu quando na reforma da mesinha, as crianças participaram de sua revitalização, todas elas muito pequenas e inquietas, porém com uma enorme vontade de participar. E o que mais chamou a atenção foi a interação que elas tinham umas com as outras e a empolgação de serem participantes ativas do processo de transformação e recuperação de uma mesinha velha e inutilizada, que simplesmente parecia não servir mais para nada.

A mesinha foi revitalizada apenas com o uso de tinta guache, pincel de pelo e cola branca. São materiais simples e que para aquela sala não custou nada de verba financeira, naquele momento. Todo o material estava disponível em um grande e também velho armário no canto da sala.

Além de todo esse processo de reforma com materiais de baixo custo ou reaproveitados, a participação de alunos e comunidade, foram umas das coisas mais

importantes, pois trouxe o significado e a importância do trabalho em equipe, assim como deve ser na economia solidária.

O Projeto Ideia Minha se adequou e tornou-se mais abrangente quando passou somente do ambiente escolar, para o ambiente de espaço comunitário não-escolar, mas com fins de recuperação do espaço físico e também com o intuito de modificar as relações dos indivíduos com o meio em que estão e a sua contribuição para que sejam feitas as relações de afetividade necessárias para um bom resultado a se obter. Por fim, percebemos que não é somente a mudança do espaço físico que gera mudanças de atitudes, mas que ela pode gerar afetividade entre os participantes de tais mudanças, trazer a conscientização de cuidado com o meio ambiente e a preservação dos espaços de uma forma ampla ou minimizada.

Está baseado nos conceitos da economia solidária e pôde promover no observado em nossas vivências, a conexão dos objetivos de trabalho em equipe e cooperação com a afetividade. É importante ainda ressaltar que o trabalho que discorreremos, teve sua realização em comunidades carentes nas quais as condições de ambiente físico e de higiene eram precários e que foi trabalhada também a conscientização de que é necessário ter um ambiente agradável para se viver - ficar e pertencer –o que faz parte de uma cultura de uma sociedade melhor e bem organizada.

O objetivo principal do projeto Ideia Minha de propor soluções simples, através de intervenções de nenhum custo ou de baixo custo para permitir melhorias no ambiente educativo foi difundido no sítio virtual -www.ideiaminha.net – que oferece a possibilidade de postar idéias das intervenções, quaisquer que sejam elas, para adicionar melhorias e soluções simples para serem usadas na modificação de espaços estragados e abandonados que requerem, mas que não possuem contribuição de valor financeiro.

Paulo Freire em *A Pedagogia da Autonomia* nos instiga a pensar no por que de não se estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos. O Projeto Ideia Minha visa compreender isso a que Paulo Freire chama de estabelecer intimidade, pois a partir das experiências de vida de cada indivíduo se busca conhecer melhor o outro e entender melhor as relações de vida de cada um.

Cada pessoa carrega consigo valores que estão presentes em suas atitudes e que caracterizam e influenciam sua forma de ver o mundo e a sua função nele. O ambiente não faz

com que o indivíduo se torne bom ou mal, porém influencia de certo modo seus comportamentos e suas ações perante as pessoas e o meio em que vivem e convivem.

No decorrer das semanas letivas no Projeto de Economia Solidária surgiu a oportunidade de realização de trabalhos sociais voltados para o que estávamos vendo naquele período, foi daí que o Projeto Ideia Minha tomou rumo certo e teve enfim, a oportunidade de entrar em ação, pois os alunos do Projeto de Economia Solidária deveriam criar outros projetos dentro da disciplina e colocarem em prática os conteúdos e as referências aprendidas e apreendidas em cada aula. Os professores do Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto, já haviam permitido que o projeto fosse em suas salas de aula e por um breve período de tempo, as salas de aula começaram a ser oficinas de revitalização, de vivências e experiências.

Os trabalhos realizados pelo projeto Ideia Minha os projetos 3 e 4 de economia solidária, tiveram e ainda têm uma forte função social no que estabelecem metas de sustentabilidade, reestruturação social e formação de identidades que se baseiam em trabalhos cooperativos e que estimulam a criação de vínculos afetivos entre os integrantes dos grupos.

As transformações e ações do projeto Ideia minha nos fizeram ir bem mais além do que antes esperávamos, nos trouxeram novas visões de mundo e nos fizeram adquirir novas reflexões de como viver em sociedade e da importância de bons valores sociais.

Não são as escolas, nem as igrejas, nem tampouco a família que irá conduzir a humanidade em direção a novas e boas visões de mundo, é a educação que irá transformar a nossa sociedade, pois somente por meio dela que teremos a convicção de que a nossa sociedade será mais justa e digna.

O importante não é ter um projeto que revitalize, mas sim, atitudes que mantenham preservados aquilo que pertence a um indivíduo ou ao coletivo.

O Ideia Minha não só trabalha com a revitalização e transformação de espaços físicos, mas, sobretudo, prioriza e dá enfoque a cultura de preservação do meio ambiente.

A possibilidade humana diante dos desafios em que o meio impõe a cada pessoa é um dos fatores que fazem com que se opte por buscar caminhos alternativos que muitas vezes nem são os caminhos desejados de se seguir. Vivemos em um mundo no qual os valores sociais e as atitudes têm se modificado gradativamente e a cada instante, o que é considerado correto não necessariamente está de acordo com a ética e a moral.

O ser humano se tornou muito egoísta e voltado principalmente para seus interesses pessoais. As condições de estrutura psicológicas das pessoas estão distorcidas e não levam em consideração as condições em que cada pessoa vive e se desenvolve no espaço comum. O outro não é importante.

Diante dessas mudanças sociais, a economia solidária e o Projeto Ideia Minha, se desenvolvem de uma forma em que todas as pessoas possam participar de forma igualitária, se responsabilizando e participando de transformações sociais e pessoais, no meio ao qual foi proposto ocorrerem mudanças.

Primeiramente a mudança no espaço físico e com o decorrer dessas experiências, foram observadas a necessidade de se trabalhar o afeto nos grupos, para finalmente se perceber as mudanças no comportamento e por fim, nos resultados obtidos com as transformações do espaço físico.

Observamos que o indivíduo que convive conosco, o que trabalha junto conosco, muitas vezes não tem significado nenhum para nós, não existe afinidade nenhuma, e por isso muitas vezes o trabalho em grupo é um trabalho enfadonho e sem vínculo algum. Pode até parecer desnecessário que sejam feitas análises no comportamento das pessoas como influentes no processo de reestruturação e construção de meios aos quais permitam se elaborarem modificações do espaço físico, porém são muitas vezes a partir de atividades realizadas com um mesmo propósito e objetivo que se aprenda a viver com o outro e entender as suas atitudes e comportamentos.

As experiências obtidas com o Projeto Ideia Minha, nos trouxeram bastante conhecimento sobre atividades de reestruturação e conservação, mas com certeza o que nos marcou de tal maneira, foram os resultados de cada experiência. Não foram as simples reformas em armários e mesas, muros e parquinho, foi sim, a sensação de reconhecer no outro a gratidão por ver que alguém se preocupou em fazer e mudar as condições em que o indivíduo se encontrava anteriormente.

As mudanças de visão de mundo e as transformações geradoras de afetividade, com relação ao outro e o meio ambiente foram sem dúvidas o maior bônus adquirido com essas atitudes e experiências.

2.1. CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL 1 DO PLANALTO: O INÍCIO DE UMA PRODUTIVA JORNADA

O Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto foi criado para proporcionar educação de qualidade aos filhos dos operários que trabalhavam e residiam nos acampamentos. Inicialmente, era uma escola pequena, construída de madeira, paralela à capela de Nossa Senhora do Rosário e que oferecia ensino de 1ª a 6ª séries do Ensino Fundamental I, antigo 1º grau. De 1960 a 1969, a escola se chamava Escola Classe Construtora Nacional, por estar no acampamento da Construtora Nacional de Brasília. De 1970 a 1990, a escola passou a se chamar Escola Classe do Planalto nº 1, depois passou a se chamar Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto. O Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto atende mais de 1.000 estudantes, do Jardim de Infância até a 8a. série, nos períodos vespertino e matutino. À noite a escola oferece educação para jovens e adultos.



Fotografias antigas mostram o início da Vila Planalto.²

A Vila Planalto surgiu da instalação dos acampamentos das várias construtoras que se instalaram na cidade para a construção do plano piloto de Brasília de Lúcio Costa. A Vila, hoje, é constituída por remanescentes de seis acampamentos: Rabelo, Pacheco Fernandes, DFL, Tamboril, Emulpress, EBE e pelos remanescentes do Acampamento da Nacional. É o núcleo urbano mais íntegro e característico dos remanescentes da época da construção de

² Fonte: <http://origemdavila.blogspot.com.br/> - Com adaptações acessado em 14 de fevereiro de 2012.

Brasília e de reconhecido valor histórico no processo de ocupação do território do Distrito Federal e, por isso, tombado em 1988.

A história da Escola da Vila Planalto se confunde com a história da construção da nossa capital. A escola foi criada para proporcionar educação de qualidade aos filhos dos operários que trabalhavam e residiam nos acompanhamentos³.

No ano de 2010, foi realizada a revitalização de uma sala de aula do Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto, no Distrito Federal.

Desde muito cedo aprendemos que a higiene pessoal é uma necessidade que todos os seres humanos devem estar atentos e conscientes e que faz parte do processo social, pois está também relacionado com a convivência das pessoas.

Ao chegarmos à escola Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto com o intuito de fazermos nosso estágio de observação e regência, que foram realizados no setor de educação infantil, observamos um abismo no que se refere ao ambiente ideal e o ambiente real lá encontrado.

Percebemos que as condições físicas da escola não estavam nada adequadas e seguras, mas, que a direção e os professores, estavam bem dispostos a conceder a oportunidade de algumas atividades de mudança que proporcionassem um ambiente melhor e adequado para o uso dos espaços pelas crianças.

A sala de aula era completamente inapropriada, tendo em vista os parâmetros estabelecidos para a realização das atividades propostas para as crianças de 4 e 5 anos.

Utilizando técnicas artísticas que são de fácil realização, como as de pintura com mistura de tinta guache e cola branca e recorte-colagem com gravuras encontradas em revistas velhas. Restauramos todo o mobiliário da sala, demos umas pinceladas de cores e vida ao ambiente. No que se refere à criação de um ambiente onde as crianças se sintam seguras, integradas e inseridas no contexto artístico e educativo, ocorreu um salto significativo. O maior resultado de tal integração foi a participação das crianças na própria restauração de um dos armários velhos da sala.

³ Fonte: <http://origemdavila.blogspot.com.br/> - Com adaptações acessado em 14 de fevereiro de 2012.

Observando que as cores começavam a dar vida e tornar o ambiente alegre, pensamos na possibilidade de pintar as paredes. Não possuindo tinta suficiente ou própria para a pintura de paredes e verificando que elas possuíam diversas colunas, ocorreu-nos a ideia de pintar apenas as colunas, utilizando o material que possuíamos e a técnica que já havíamos utilizado nas mesinhas infantis. Cada coluna foi pintada de uma cor diferente.

O resultado foi bastante satisfatório e deixou a sensação de que a sala era maior do que antes. Agora a sala passava a ter seu primeiro ambiente construído, o ambiente de alegria, que sugere o ambiente da diversão.

Pudemos observar o despertar das crianças para a necessidade de valorização e preservação do espaço físico. Elas passaram a cobrar as atividades em que pudessem participar efetivamente da transformação escolar. Tudo aquilo era muito rico e importante para elas, já que além de participarem na modificação do espaço, também interagiam entre si e com o meio. Aprendiam sobre a necessidade de cuidar dos objetos, móveis e brinquedos da sala. Aprendiam que o espaço é coletivo e que, portanto, devemos mantê-lo cuidado e preservado.

O que mais chamou a atenção foi o fato de os próprios integrantes da escola, professores e alunos, também ficarem interessados em participar das mudanças. Percebemos que as crianças ficavam muito felizes quando elas participavam da própria revitalização de algum móvel ou lugar. O fato de elas terem contribuído na transformação do ambiente dava a sensação que foi importante para elas terem participado daquilo e até mesmo a percepção de se sentirem úteis e importantes.

Foi possível perceber que quando as crianças participaram da revitalização de alguns objetos da sala de aula, elas começaram a ter uma atenção diferente com relação aos cuidados que se deve ter com o meio ambiente e com os pertences aos quais todos têm direito.

Tivemos uma experiência muito boa, no que concerne ao aprendizado, à convivência, mas, sobretudo, relacionado à vivência. Foi enriquecedor e gratificante participar na melhoria daquela escola, porque a princípio a mudança realizada em uma sala de aula aos poucos foi ampliada para o pátio e parquinho de areia da escola.

As experiências obtidas com os trabalhos realizados no Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto, além de mostrarem que, com esforço e dedicação se pode alcançar os objetivos desejados, mostraram que uma das grandes carências das crianças hoje, é o ato de fazer junto.

Refletindo sobre os ensinamentos da economia solidária, podemos considerar que foi uma experiência enriquecedora, pois fez chegar ao ponto mais interessante da área de educação, que é pôr em prática as teorias que tanto estudamos.

Uma simples pintura em uma mesa velha, não significa apenas que ela se tornará mais bonita e jovem depois de pintada, mas que a consciência de mantê-la conservada, pois é um bem comum e que é importante que fique sempre bonita e protegida, é uma conscientização que deve ser inserida no meio cultural e social de toda a comunidade.

Ao longo da realização do estágio realizado no Centro de ensino fundamental 1 do Planalto, em Brasília, no Distrito Federal, foi possível observar o quanto se faz necessária não somente a conscientização, mas também a ação na busca pela qualidade de uma educação que preze o respeito ao ser humano e o ambiente na qual se vive e convive.

Observamos atentamente a situação desumanizante em que as crianças, na maioria das vezes, são expostas ao estudarem em uma escola onde as condições mínimas de higiene sequer são cumpridas. Ressaltamos a importância dos meios de convivência e transformação social, a conscientização sobre o cuidado com a natureza e sobre as mudanças do espaço físico como possíveis geradoras de afetividade.

No decorrer de todo o trabalho realizado junto às comunidades carentes foi possível observar o andamento das atividades realizadas e os resultados obtidos em cada uma delas. A participação, o cuidado, a conscientização e a organização foram fatores de grande importância para o sucesso dos objetivos centrais, no caso, o de revitalização dos espaços, utilizando-se do uso de materiais simples e de baixo custo.

Durante o período no qual o Projeto Ideia Minha se desenvolveu nessa escola, foi possível perceber que trabalhar em grupo nem sempre significa que os resultados serão melhores e mais fáceis. Foi possível perceber que isso requer muito mais do que simplesmente saber fazer ou executar.

Em termos de Educação nosso país é pobre e miserável e ainda está bem longe de alcançar seus objetivos de educação igualitária para todos. Porém, devemos ter uma visão

aberta, sem preconceitos. Não devemos começar a fazer o que apenas é dito, quebrar algumas regras às vezes é necessário, romper padrões, começar a reivindicar e lutar pelos direitos de ser cidadão e de se ter uma educação de qualidade e com condições dignas de estadia e aprendizagem para os estudantes, professores e toda a comunidade escolar.

Nesse projeto aprendemos que a economia solidária está envolvida em ensinar métodos e técnicas com o intuito de que todos sejam beneficiados de forma igual e justa, existe ainda o desejo de que o projeto Ideia Minha tenha grande eficiência e possa se desenvolver de forma que a solidariedade seja o objetivo principal e que o seu resultado seja uma educação diferenciada e de qualidade, mesmo que sem os melhores e mais caros recursos.

A reflexão pessoal sobre qual deve ser a função do educador nesta sociedade deve ser feita não só como educador, mas principalmente como ser humano e habitante do mesmo planeta-espço.

Precisamos buscar o direito pelo respeito aos estudantes e aos professores, devemos estar atentos à educação que temos, e lutar pela educação que queremos. Cabe a cada um buscar isso. No Brasil, os recursos financeiros são poucos para a educação porque é mal administrado e não é cobrado por quem cabe isso fazer. A comunidade pode e deve participar do processo que ocorre nas escolas, que além dos professores, alunos e demais funcionários, a família é essencial para que a educação seja fiscalizada e participativa, infelizmente poucos conhecem esses direitos.

A revitalização de uma sala inteira foi apenas semente para o despertar de uma ação transformadas. A experiência no Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto, foi enriquecedora, muito além do imaginado.



Sala de aula do CEF 01 do Planalto restaurada pelo Projeto Ideia Minha

2.2- ONG Associação Atlética de Santa Maria – AASM: Uma Proposta Desafiadora

A Associação Atlética de Santa Maria – AASM fica localizada na região administrativa XIII de Brasília. A cidade do entorno, chamada de Santa Maria.

Santa Maria é uma região administrativa do Distrito Federal que compreende as áreas da Marinha e Saia Velha e se localiza a 26 km de Brasília. Suas primeiras quadras foram ocupadas a partir de fevereiro de 1991, portanto, é uma cidade muito recente. Ocupa uma área de 211 km², possui uma população de quase 120 mil habitantes, conforme censo realizado pelo IBGE em 2005. O aniversário da cidade é comemorado em 10 de fevereiro, porque surgiu oficialmente no mapa do Distrito Federal no dia 10 de fevereiro de 1993. A cidade é fruto de um grande programa de distribuição de lotes realizado pelo governo do Distrito Federal.

A referida cidade está em desenvolvimento e nos últimos tempos os investimentos nela têm crescido bastante. A Associação Atlética de Santa Maria foi criada com o intuito de ser um espaço onde se trabalha com construção e reconstrução da dignidade dos moradores da cidade.

É um espaço onde são oferecidos cursos profissionalizantes, educativos e esportivos visando com que a comunidade participe, aprenda e tenha uma motivação que contribua para

a aquisição de novas expectativas de vida. É uma organização sem fins lucrativos que em parceria com alguns associados cuida para a manutenção e continuidade de suas atividades.

Porém, pelo que se percebe a associação não tem muitas contribuições assistenciais, no que concerne a doações e patrocínios. Então passa por algumas dificuldades financeiras que muitas vezes os integrantes da associação é que têm que buscar soluções para os problemas com o dinheiro do próprio bolso.

No primeiro Semestre de 2011, os alunos dos projetos lecionados pela professora Sônia Marise, escolheram a associação de Santa Maria para criarem as aulas e métodos de acordo com os conteúdos da economia solidária para aquele local, já que no semestre anterior fizeram algo semelhante na região administrativa de São Sebastião.

O local estava em estado muito arruinado e destruído, antes lá era um local abandonado aonde alguns usuários de drogas iam pra se entorpecer. Então foi feita uma “pequena reforma” e passou a ser a associação de Santa Maria.

Vendo o estado físico do ambiente onde eram realizadas as aulas práticas, a turma de economia solidária resolveu que o local necessitava de uma mudança física, estava tudo muito estragado, o que desfavorecia a empolgação em permanecer em um local como aquele.

Foi quando surgiu a idéia de aplicarem as ideias de reforma realizadas pelo Projeto Ideia Minha no Centro de Ensino Fundamental 1 do Planalto, no ano anterior, e criarem então um novo ambiente físico para aquela associação.

Quando começamos a observar que havia necessidade de mudanças no espaço físico da associação, foi feita uma reunião com todos os alunos e organizadores e integrantes da comunidade e da própria associação para se discutir o que seria necessário e possível para o ajuste e modificação do mesmo.

A princípio foram traçadas metas e objetivos a serem seguidas e divisão de tarefas, porém foi explicada a comunidade que o apoio dela seria de grandíssima importância, então na primeira semana foram pedidas a comunidade que pudessem encontrar alguns materiais para a primeira revitalização, entre esses materiais, caixas de madeira onde frutas são transportadas, enquanto que os estudantes tentariam encontrar óleo usado de carros e outros materiais, como cola branca, pincéis, tinta guache, entre outros.

O impacto foi enorme quando na segunda semana na AASM, havia um enorme número de pessoas da comunidade que se ofereceram a colaborar com o processo de revitalização, que estava pré-determinado a ocorrer em dois sábados respectivamente. Eles conseguiram arrecadar várias caixas de madeira e um número grande de crianças participou desmontando as caixas de madeira e conseguindo encontrar outras mais.

As ripinhas de madeira serviram para criar um enorme mural onde logo na entrada estaria com os nomes dos associados e colaboradores da associação, as talinhas foram “pintadas” com óleo queimado e outras pequenas talinhas escritas com um pirógrafo os nomes dos projetos associados e colaboradores associados.

Logo depois da entrada tinha uma pequena sala que servia de recepção com uma TV e um sofá velho e uma enorme estante cheia de livros empoeirados e que causava uma poluição visual enorme. A parede que a dividia, logo na entrada principal, estava suja e estragada, portanto foi descartada e retirada de lá. Um espaço maior agora serve como recepção. Os livros também foram direcionados à outra parte da associação, onde será criada uma biblioteca própria para eles.

Algumas portas estavam muito estragadas, por isso foram aplicadas a técnica de colagem com recortes de figuras que tinham algo a ver com a finalidade da sala, como é o caso da sala onde os cursos de manicure, pedicure e cabeleireiro são realizados. Ali foram coladas fotos de pessoas que tem como destaque a estética física.

Em outras portas menos estragadas foram aplicadas a pintura com tinta guache e cola e criados desenhos para realçar o espaço que também é dedicado as crianças, dando assim uma aparência colorida e alegre ao espaço.

Muitos móveis foram desapropriados porque estavam em péssimo estado e outros foram doados e reformados na própria associação. Muitos foram “pintados” com óleo queimado, dando assim o aspecto de móvel envelhecido, mas preservado.

Muitos vidros das janelas que estavam quebrados foram trocados, além do mais na própria associação estão sendo confeccionadas cortinas para as janelas da entrada que ficam ao lado do mural, essas cortinas serão confeccionadas pelas mulheres que fazem curso de costura ali mesmo.

A maior sala da associação ficou destinada ao curso de costura e as aulas de EJA. A sala possui um quadro negro que não possuía borda, por isso foi criada uma borda toda com pedaços de madeira das caixas de frutas, umas anexadas às outras com pregos pequeninos e “pintadas” com óleo queimado. Depois de construída essa borda o quadro pareceu bem maior e mais visível.

Depois de todas essas mudanças e limpeza do ambiente, foram acrescentadas as propostas de mudança, a pintura das paredes com uma cor mais clara, os próprios integrantes da associação se responsabilizaram por isso. Foi pintado então em uma cor amarela bem clara, o que deu ao espaço a aparência mais agradável, já que antes era usada nas paredes uma cor de azul bem escura, o que deixava a aparência bem pesada e fúnebre.

A vivência no ambiente escolar foi de grande importância para os participantes, o que mostra o desenvolvimento da relação entre os integrantes da associação, alunos dos projetos e a comunidade de Santa Maria com o ambiente e a interferência na formação do sujeito.

Noções de participação, cidadania e conservação, começaram a ser praticadas não somente pelos estudantes, mas também pelas pessoas da comunidade local.

Utilizou-se na associação as mesmas técnicas utilizadas na escola da Vila Planalto: colagem em portas com recortes de revistas, reformas de móveis antigos e estragados, pintura com tinta guache e cola entre outras transformações.

Algumas mudanças ainda são necessárias, porém foi possível entender que o trabalho em equipe nem sempre é tão fácil de ser realizado, mas que os frutos dele são com certeza muito ricos e enriquecedores.

Foi traçado um planejamento que não foi seguido à risca, no início do projeto muitos dos participantes já estavam desanimados e logo depois desistiram de participar, o que de certa forma trouxe um incômodo e sobrecarga para outros integrantes que estavam dedicados e se doando de uma forma muito forte e disposta.

Entende-se, portanto, que trabalho em equipe é muito importante, mas que, sobretudo os objetivos do grupo devem ser os mesmos, senão serão em vão. Trabalhar em equipe é trabalho árduo e que necessita de cooperação, colaboração e respeito para entender o outro e trabalhar em conjunto. Afinal, percebe-se que se trabalhou com as principais características da economia solidária que são: Cooperação, solidariedade, autogestão e dimensão econômica.

Também por aí entendemos que em uma associação voltada a esses objetivos, nem sempre essas quatro características importantes estão unificadas total ou parcialmente, algumas vezes algumas delas é inexistente ou pouco existente.

Mas, o importante nisso tudo foi entender na prática o que vem a ser o trabalho realizado junto à economia solidária. Entender que trabalhar com o outro é muito complicado e que nem sempre os resultados são os melhores esperados e que apesar de tudo, ainda existirão aqueles que não ajudam e ainda por cima só criticam. Mas, como disse Antoine de Saint-Exupéry em sua obra, *O Pequeno Príncipe*: “*O essencial é invisível aos olhos*”.

Porém, neste caso foi modificado o local-alvo, embora tenha sido direcionado especificamente a escolas, na associação de Santa Maria foram realizadas modificações muito semelhantes, mas com certeza voltada para os mesmos objetivos.

As mudanças do comportamento de cada ser atuante naquele espaço é o que de fato importa. As estruturas físicas mudadas foram de grande importância para aquela comunidade. Mas, o que observamos foi que as visitas, durante os sábados letivos, até a Associação, trouxeram grandes resultados tanto para os alunos do Projeto de Economia Solidária, quanto para o Projeto Ideia Minha. Houve uma relação de troca onde todos saíram ganhando. O conceito da Dádiva (dar- receber- retribuir) se fez presente nessas experiências.

Os conceitos de revitalização, de transformação, de humanização e de respeito à natureza e ao meio ambiente foram alguns dos substantivos trabalhados e vivenciados em nossas experiências. Somente quando aprendermos o real valor do respeito ao próximo, a natureza e a nossa natureza interior, é que iremos nos tornar indivíduos participativos no processo de modificação e revitalização, como gerador de afetividade. São fatores externos que transparecem internamente em cada ação significativa que buscamos compreender.



Associação Atlética de Santa Maria antes de reformada e revitalizada.



Associação Atlética de Santa Maria depois da revitalização e reforma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de final de curso teve como base de estrutura fundamental as experiências vividas e apreendidas no processo educativo do curso de pedagogia.

As práticas foram de grande importância e relevância para a construção e idealização desse tema gerador. Estamos vivendo em épocas de muitas contradições e tensões religiosas, culturais, familiares e de muitas outras origens. A tolerância e o respeito ao meio ambiente, a natureza e o ser humano de forma geral, nos levaram a trabalhar sobre o ângulo da afetividade gerada pela motivação no trabalho de revitalização de espaços educativos.

O que cabe a cada um de nós, indivíduos sociais, é entender as diferenças de cultura, de pensamentos e de experiências pessoais. Devemos compreender que o espaço físico e a natureza, são espaços compartilhados e que todos nós devemos cuidar dele com cuidado e respeito. Essa é uma forma simples de respeito para com o planeta e também com o próximo.

O resultado que obtivemos até aqui, não pode ser considerado como esgotado em suas possibilidades, pois estamos nos referindo a atividades educativas e de revitalização e mudança, tanto em espaços físicos quanto nas transformações relacionadas aos meios pessoais e afetivos.

Somente por meio da educação libertadora e eficaz é que entenderemos o outro e aprenderemos a dividir espaços comuns, que a todos pertencem. Viver de forma respeitosa e com cuidado com a natureza e o meio ambiente são os meios mais eficientes de deixarmos para a humanidade nossa maior herança – A Terra. Essa interação afetiva com o meio, se praticada, é uma possibilidade de, significativamente mudarmos a trajetória pela qual caminha a humanidade.

TERCEIRA PARTE

PERSPECTIVAS PARA O FUTURO.

Aprendemos a ser pessoas individualistas e a viver constantemente nos protegendo do outro. Nossa sociedade se tornou perversa consigo e com o outro, se tornou insensível e insensibilizada.

A natureza, a nossa maior fonte de vida e de inspiração, se encontra cada vez mais devastada e a princípio de um caos global: rios e mares são contaminados, o ar já não é mais tão puro, e nem mesmo a natureza humana continua doce e ingênua.

A perspectiva com relação ao futuro é de que se possa diminuir um pouco mais os passos da humanidade, para que o som do silêncio possa ecoar e que a consciência humana possa em algum momento transmitir as informações que tanto a humanidade necessita ouvir.

Não são apenas as meras e simples imagens vistas quase todos os dias em televisões ou na internet que nos emocionará e nos fará tomar consciência de que necessitamos de novas atitudes. Talvez o início das dores já esteja acontecendo e não estejamos dando tanta importância a ela.

Calotas polares inteiras que se desmancham, calor imenso que mata pessoas e animais, mares que são apenas grandes redes de esgoto, entre tantas outras formas de destruição das espécies humanas e animais. Não devemos nos esquecer das plantas que servem tanto para a nossa respiração, quanto pra nossa alimentação. Matas inteiras são devastadas e animais são mortos ou desabrigados, são esses alguns exemplos da falta de consciência e de noção de como a mente humana anda distorcida e despreocupada com o planeta e com a humanidade.

Os objetivos que todo ser humano deveria ter são as perspectivas de uma sociedade mais justa, compreensiva e afetiva. A de uma sociedade educada e modificada.

Os valores sociais devem ser reestruturados e as formações afetivas devem estar altamente vinculadas aos comportamentos das diversas culturas. O cuidado com a natureza deve ser algo que aconteça naturalmente, pois somos parte fundamental dela, e por isso sem ela não viveremos com uma boa qualidade de vida, se é que é possível viver sem ela.

As perspectivas para o futuro, como fala uma música popular, são palavras de um futuro bom. Já de acordo, com perspectivas em educação e na área educativa, é a de fazer a

diferença em nossos dias transtornados e movimentados, constantemente em busca de tecnologias, inovação e informação.

Minhas intenções futuras são de dar continuidade às práticas desenvolvidas pelo Projeto Ideia Minha, seja na própria Associação de Santa Maria ou onde houver necessidade e/ou possibilidade da realização do mesmo.

No decorrer desse processo, pretendo dar ênfase a valorização do outro, por meio da afetividade, e tentar, na medida do possível desenvolver o projeto juntamente com meu trabalho de professora em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. Emoção na sala de aula. Campinas, SP: Papirus, 1999.

BERGER, Peter e BERGER, Brigitte. Socialização: Como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Maria Alice Mercarini e MARTINS, José de Souza. Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro, 1992.

CONAE 2010 (Conselho Nacional de Educação), Construindo o sistema nacional articulado de educação: O plano nacional de educação, diretrizes e estratégias de ação – Documento final. Eixo VI – Justiça social, educação e trabalho: Inclusão, diversidade e igualdade, p. 123 – 164.

CÓRDOVA, Rogério de Andrade: Instituição, Educação e Autonomia: na obra de Cornelius Castoriadis, Brasília: Plano Editora, 2004.

CORTELLA, Mario Sergio. Não Espere Pelo Epitáfio... Provocações Filosóficas. Ed. Vozes, 2ª Edição.

CURRÍCULO, Espaço e Subjetividade: A Arquitetura Como Programa.

DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. Educação e Afetividade em Paulo Freire: Pedagogia da Autonomia. **Revista Eletrônica Pensamento Biocêntrico**, 6ª Ed. Disponível em: http://www.pensamentobiocentrio.com.br/content/ed06_art3.php Acesso em: 15 de junho de 2012.

Declaração Universal dos Direitos Humanos

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio XXI: O dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. São Paulo: Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Madalena – Dois Olhares ao Espaço Ação na Pré - escola

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática Educativa. Editora Paz e Terra. Edição Especial – Coleção Leitura.

FREITAS, Hugo Nicolau Vieira de; **GOMES**, Antonia Beatriz Aquino; **DE CARVALHO**, Sônia Marise Salles. **A REVITALIZAÇÃO DA ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA COMO FERRAMENTA PARA SUA VALORIZAÇÃO E A INSERÇÃO DA COMUNIDADE NA VIDA ESCOLAR**. UnB, 2011.

História da Vila Planalto – Blog: <http://origemdavila.blogspot.com.br/>. Acesso em: 23/06/2012.

Lei 9.394 – LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1966.

MAX, Marchand. A afetividade do educador. São Paulo: Summus, 1985.

Mayumi Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para a educação, mestrado, 2009.

MOREIRA, Marco A. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

MOREIRA, Marco A. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 2ª Ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000. Disponível em: <http://www.proex.ufrn.br/files/documentos/setesaberesmorin.pdf> Acesso em: 01/09/2012.

MOTTA-ROTH, D.; Hendges, Graciela Rabuske. Produção textual na Universidade. Editora Parábola, 2010.

Portal do Cidadão – GDF : <http://www.santamaria.df.gov.br/>. Acesso em: 23/06/2012.

Portal EcoD: <http://www.ecodesenvolvimento.org/espaco-carta-da-terra/o-que-e-a-carta-da-terra#ixzz24NPXw2jW>. Acesso: 23/05/2012.

SINGER, Paul – Economia Solidária no Brasil – Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOUZA, Rose Keila Melo de; **COSTA**, Keyla Soares da. O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon. Disponível

em:http://www.educacaoonline.pro.br/indez.php?option=com_content&view=article&id=299:
[o-aspecto-socio-afetivo-no-processo-ensino-aprendizagem-na-visao-de-piaget-vygotsky-e-](http://www.educacaoonline.pro.br/indez.php?option=com_content&view=article&id=299:)
[wallon&Itemid=15](http://www.educacaoonline.pro.br/indez.php?option=com_content&view=article&id=299:) Acesso em: 05/09/2012.